

Uberlândia, 13 de novembro de 2007.

Prezados apologistas da Montfort,
Que a graça e a paz do Nosso Senhor e Único Salvador Jesus Cristo estejam sobre vossas vidas.

Gostaria de congratular a toda equipe Montfort pelo excelente site de Apologética Católica. Há nele vasto material de estudo, referência necessária para qualquer um que deseje embasar ou mesmo refutar a fé católica (sempre usarei o termo “católico(a)” em seu sentido restrito).

Apresento-me com um cristão de origem reformada, nascido em uma família Presbiteriana. Em minha pouca história de vida não tive nenhum contato próximo com o “Universo Católico”, haja vista que minhas famílias materna e paterna também são de origem reformada. Pela minha criação, confesso que sempre imaginei que a fé católica fosse cega ou carente de argumentos, porém vosso site tem me mostrado justamente o contrário: existem fartos argumentos em praticamente todos os assuntos que nós protestantes discordamos de vós outros.

Semelhante a vocês, também sou apreciador da Apologética Cristã, tendo inclusive já escrito, dentro de minhas limitações, um e-book gratuito chamado “Separando Ficção e Realidade em O Código da Vinci”ⁱ, onde refuto o maléfico livro de Dan Brown (se concordarem, favor manter o link da nota. Se não, podem tranquilamente tirá-lo, bem como remover todo este parênteses).

Ao começar a escrever esta carta, pretendia eu fazer oposição a todos os dogmas católicos que considero contrários às Sagradas Escrituras, evidentemente apresentando os respectivos argumentos. Ao começar pelos Dogmas Marianos, percebi que minha argumentação já estava bastante extensa, e por isso estarei abordando apenas eles por enquanto.

Como já disse, encontrei em vosso site farto material de estudo. O que mais me chamou a atenção foi a quantidade exagerada de sofismas, alguns sutis, outros nem tanto. Reforço: são muitos os sofismas em vossa crença. Não precisa ser gênio para constatar que começo de forma provocativa. Provocação para levar mais à discussão (ao debate) do que à ofensa. Realmente prefiro o primeiro. Tenho consciência, contudo, da dificuldade em dissociá-los. Ainda assim, espero ver na resposta de meu (irmão e) opositor maior empenho em responder que em ofender.

Confesso que a princípio relutei um pouco em levar adiante meu intuito em confrontá-los. Eis alguns temores:

1. Serei uma voz única a confrontar um site especializado em apologética católica. Todo meu apoio é minha Bíblia, meus 31 anos de história, uns poucos livros que disponho, uma conexão de internet e a orientação do Espírito Santo de Deus. Aquele que me fará oposição provavelmente fará uso dos mesmos recursos, mui provavelmente suplantando-me em experiência e em material de referência. Ainda assim, optei por não ser covarde;
2. Por adentrar vosso site, abro mão de possuir a última palavra no assunto. É inegável que isso, por si só, oferece um grande benefício ao meu (irmão e) opositor. Em guerra de palavras e idéias, o contra-ataque é a mais poderosa das armas. Só não pode suplantar a verdade. Como a Palavra de Deus é a verdade (Jo 17.17), é prioritariamente com ela que me apresento. Espero manejá-la bem. E que Deus vos dê a mesma graça;
3. Também por estar em vosso terreno, posso simplesmente ser silenciado. Deus me perdoe de julgar os motivos caso isso aconteça. Creio firmemente, todavia, que pelo menos uma nobre alma lerá minhas palavras. Se isso acontecer já me darei por satisfeito, pois as palavras do profeta Isaías (Cap. 55.10-11) ter-me-ão consolado.

Além da intenção de refutar alguns dogmas da ICAR, tenho também engatilhado um material onde questiono os sofismas do vosso artigo sobre “O Priorado de Pedro”, e um terceiro onde avalio a resposta fornecida pelo site a uma carta sobre a “Virgindade perpétua de Nossa Senhora”. Não entrarei, contudo, nas três frentes de batalha de uma só vez, uma vez que a presente discussão tem tudo para enriquecer as futuras. Por hora, apenas aguardo vossa contra-ofensiva sobre os dogmas que listei.

SOBRE OS DOGMAS CATÓLICOS

ⁱ <http://www.scribd.com/doc/492025/Separando-Ficcao-e-Realidade-em-O-Codigo-Da-Vinci>

(In)felizmente disponho de zero livros de editoras católicas. Delas possuo apenas uma “Bíblia de Jerusalém” comentada e uma Bíblia “Tradução Ecumênica”. Como não possuo material editado de apologética católica, grande parte daquilo que conheço de vossa defesa foi retirado da internet. Sei dos riscos inerentes a este procedimento, e desde já me preparo para as eventuais críticas. Só peço ao meu (irmão e) opositor que não desista do combate devido a esta fra(n)queza.

Creio que o católico bem sabe que os protestantes concordam com muitos dos 43 dogmas sustentados pela ICAR. Isso porque muitos são releituras fiéis às Sagradas Escrituras e existem bem antes da Reforma Protestante de 1517. De minha parte, aconselho a todos os leitores da Montfort a darem uma olhada nestes dogmas para também avaliá-los. Que a anuência dos católicos seja mais por entendimento que por submissão, e que a discordância do protestante seja mais por entendimento que por aversão. Eis dois endereços para consulta:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Dogmas_da_Igreja_Cat%C3%B3lica
ou <http://www.paroquias.org/forum/read.php?1,10662,page=1>

Elaborei minha refutação partindo da redação dos Dogmas Marianos e de alguns argumentos católicos que encontrei nos últimos meses de pesquisa. Optei por organizar a refutação seguindo a seqüência cronológica dos dogmas, uma vez que há uma certa relação de dependência daquele que o antecede. Após apresentar o título do dogma mariano e sua redação *tale quale* encontrado nos endereços supracitados, faço uso do relato da origem do mesmo conforme encontrado em um texto de Dercio Antonio Paganini¹.

Após a introdução elucidativa (mais para o leitor que para o apologista) parto para as refutações. Nelas **mostrarei evidências do Dogma indo contra a Palavra de Deus**. Tendo ou não um texto introdutório, enumerarei as razões em tópicos (A, B, C, etc). Ao longo de minha refutação faço amplo uso de citações da Monfort, analisando-as e rebatendo-as conforme a necessidade. É evidente que, ao assim proceder, não pretendo fazer o vosso trabalho de responder por vós outros as questões que eu mesmo levantei. Faço isso apenas para mostrar que as repostas que até então encontrei, mais minuciosamente examinadas, falham ao responder às objeções em si. Várias vezes usei o recurso de simplificar vosso argumento para apresentar-lhes as falhas. Explicito que busquei não deturpar vosso texto, se bem que tenho visto que a confiança na palavra de “evangélicos” não goza de muito crédito diante dos senhores. De qualquer forma, que me julguem os leitores e meu (irmão e) opositor ao compararem o texto simplificado com o original. Desnecessário é dizer que vossas respostas podem (e devem) ir além daquelas que forneci, sendo desnecessário também dizer que minhas considerações são passíveis de correção. Basta encontrar argumentos sólidos para tal. Por fim, informo que cada tópico possui sua conclusão, sendo apenas um breve resumo dos principais argumentos apresentados.

Considerações iniciais a parte, está mais que na hora de deixar de cansar o leitor e partir para as refutações propriamente ditas. E que comece a peleja...

DOGMAS MARIANOS

Segundo consta, existem 3 dogmas marianos. O primeiro a surgir foi o dogma 21, que aponta Maria como Mãe de Deus (431 d.C.), seguido pelo dogma 20, que trata da Imaculada Conceição (1854 d.C.), e por fim pelo dogma 22, o da Assunção de Maria (1950 d.C.). Todos sabemos que os protestantes rejeitam veementemente os dois últimos da cronologia, oferecendo ainda algumas ressalvas quanto ao primeiro. Partamos então para a análise de cada um deles à luz da Bíblia Sagrada.

DOGMA 21- Maria, Mãe de Deus

O Concílio de Éfeso (431), sob o Papa São Clementino I (422-432), definiu solenemente que: *"Se alguém afirmar que o Emanuel (Cristo) não é verdadeiramente Deus, e que portanto, a Santíssima Virgem não é Mãe de Deus, porque deu à luz segundo a carne ao Verbo de Deus feito carne, seja excomungado."* (Dz. 113).

Refutação do dogma

Tanto o Católico quanto o protestante precisam saber que a Igreja protestante aceita os dogmas dos primeiros Concílios da Igreja, onde se inclui também a declaração do Concílio de Éfeso supra-citada. O problema está na interpretação católica posterior, que busca usar o texto acima num sentido diferente do original (isto é, diferente do propósito para o qual o texto foi redigido).

Creio que meu opositor bem sabe que o texto, *a priori*, visava dirimir qualquer dúvida quanto à natureza humana de Jesus, uma vez que inimigos da fé ortodoxa colocavam tal crença em xeque. O apologista católico sabe (e ensina) que a palavra traduzida por “Mãe de Deus” é o termo grego *theotokos*.

Literalmente, a palavra significa “portadora de Deus”. É evidente que o título se aplicava a Maria, porém o propósito não era o de exaltá-la ou dar-lhe proeminência, mas sim combater heresias da época e assegurar às gerações futuras a crença na natureza humana e divina (expressa pela primeira parte da sentença do

dogma) de Jesus. Simplificando: a criação do texto naquele Concílio visava mais identificar a Natureza Humana do Filho do que uma suposta “Natureza Excepcional” (para não dizer divina) da Mãe. Para ser justo, bem reconheço que nenhum católico são, ao ler ou citar o dogma, defende que o termo “Mãe de Deus” faz de Maria uma deusa. Contudo, na prática a doutrina católica eleva Maria à condição de “deusa” de forma sutil, conforme demonstraremos nos casos abaixo e ao longo de todo este material.

A. Pela ótica protestante, o católico usa o termo “Mãe de Deus” para colocar Maria numa categoria “quase-divina”

Quanto ao uso católico da palavra *theotokos* (literalmente “portadora de Deus”), o autor protestante James R. White informa: “Orações dirigidas a ‘Mãe de Deus’ que procuram sua intercessão e atribuem a ela poder, glória e honra estão usando o título de uma forma completamente estranha às verdades bíblicas que deram origem ao uso do título pela primeira vez. E o fato que, em geral, o termo é tido como impróprio fora do espectro estrito no qual ele fala da verdade importante da unipersonalidade de Cristo, bem como de Sua completa deidade, é um testemunho da sensibilidade espiritual dos cristãos crentes. Só podemos concluir que o uso de ‘Mãe de Deus’ como um título para Maria que a leva a ser vista numa categoria quase-divina não é nada senão um grosseiro mau entendimento da verdadeira relação entre a bendita virgem de Nazaré e o eterno Deus que enviou o Filho eterno para nascer dela”². Para falar a verdade, não sei se o católico acha uma deturpação ou um elogio chamar Maria de “quase-divina” (descobrirei em breve...). Fato é que dentro da doutrina católica Maria assume – de forma velada – o “status de divina”, pois a própria prestação de culto a ela (seja de *dulia* ou de *latria*) contraria os preceitos de Deus. O próprio Cristo afirmou que só Deus deveria ser cultuado, conforme vemos em Mt 4.10: “Então, Jesus lhe ordenou: Retira-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e **só a ele darás culto**”. “Só a ele darás culto, só a ele darás culto, só a ele darás culto...”, que estas palavras ecoem na mente católica e lhes revele a verdade!

B. Pela ótica católica, a “Mãe de Deus” pede e o filho atende

Encontrado inclusive em camisetas³, um dos sofismas mais difundidos pelo catolicismo diz: “peça à mãe que o filho atende”. É baseado nesta premissa que o católico gosta de fazer uso do termo “Mãe de Deus”. Creio que o católico vai concordar que, para que a afirmação se mostre verdadeira, é necessário provar TODOS OS PONTOS abaixo:

- i. Não há problemas em orar aos mortos;
- ii. Maria ouve as orações que lhe são feitas;
- iii. Maria é capaz de apresentar ao filho a prece do fiel;
- iv. O filho se submete à petição de Maria;

Tenho visto o católico enfrentar com hombridade cada uma das asserções acima. Tanto é que farei uso de alguns argumentos da apologética católica ao discorrer sobre os pontos listados, para em seguida tentar desmistificá-los.

i. Não há problemas em orar aos mortos

Meu (irmão e) opositor bem sabe que o protestante abomina qualquer oração aos mortos. Para defender tal prática, assim se justificam os apologistas da Montfort: “E se os que morreram na graça de Deus e são santos permanecem seus amigos, **então é claro que podem interceder pelos homens**, da mesma forma que o faziam quando estavam vivos na terra”⁴ (ênfase adicionada)

No trecho em destaque, percebam que a afirmação não foi provada. O autor simplesmente parte de duas premissas verdadeiras (i.intercessão de vivos e ii.os vivos permanecem diante de Deus) e cria uma conclusão lógica não verdadeira, não TEOLógica. Para melhor apontar a falácia acima, utilizemos um outro texto da apologética católica. Justamente tentando provar a intercessão dos santos, o autor da Montfort expõe mais pormenorizadamente:

“E também, na passagem do rico e Lázaro, o santo patriarca Abraão não está dormindo: ‘Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho fino e que fazia diariamente brilhantes festins. Um pobre chamado Lázaro jazia coberto de úlceras no pórtico de sua casa. Ele bem quisera saciar-se do que caía da mesa do rico, mas eram antes os cães que vinham lambe-las suas úlceras.

*O pobre morreu e foi levado pelos anjos para um lugar de honra junto de Abraão, o rico morreu também e foi enterrado. No inferno, em meio às torturas, ergueu os olhos e viu de longe Abraão com Lázaro a seu lado. Ele exclamou: “Abraão, meu pai, tem compaixão de mim e manda que Lázaro venha molhar a ponta do dedo na água para me refrescar a língua, pois eu sofro um suplício nestas chamas”. Abraão lhe disse: ‘ “Meu filho, lembra-te de que recebeste tua felicidade durante a vida, como Lázaro, a infelicidade; e agora, ele encontra aqui a consolação, e tu, o sofrimento. Além disso, entre vós e nós foi estabelecido um grande abismo, para que os que quissem passar daqui para vós não o possam e que também de lá não se atravesse até nós”’. (citação) **O resto da história é bem conhecido. Abraão então está acordado, e recebe Lázaro no céu.***

E se está no céu, pode interceder junto a Deus, como fazia na terra, e com mais razão ainda pois contempla a Deus face a face, tendo sua amizade eterna.⁵ (ênfase adicionada)

O texto citado é um trecho de Lucas 16.19-26. Após a transcrição apenas da parte que lhe interessa, o autor novamente coloca uma afirmação não provada, que diz que “[no céu o santo] pode interceder junto a Deus, como fazia na terra”. Como já mostramos, é um raciocínio lógico, mas não *TEOLÓGICO*. Uma vez avisados da armadilha criada, voltemos ao escopo principal. Lembre-se que o autor que citou a parábola pretende provar a intercessão dos mortos (“santos”) diante de Deus. Mas será que ele o faz?

Simplifiquemos o texto de forma dirigida⁶ e avaliemos se ele cumpre o propósito pretendido. Acho que o católico concordará que:

- a. Jesus narra uma história para ilustrar uma verdade espiritual (parábola);
- b. Na história, Lázaro é salvo e o rico sofre a condenação;
- c. O condenado pede a intermediação do “santo” (Abraão) em sua causa, aliviando-o do sofrimento;
- d. O “santo” diz que nada pode fazer em função do abismo existente entre eles.

Pois bem, em sua análise do texto, o apologista católico concluiu que...

... “[o santo] pode interceder junto a Deus”;

Todavia, o texto bíblico relata justamente o contrário, ou seja, mostra que...

... Abraão (o santo) NADA pôde fazer PELO MORTO!

E será que o santo pode fazer algo PELO VIVO? Antes da resposta, gostaria de repreender os apologistas católicos da Montfort, que várias vezes fizeram referência à “tesoura [mágica] protestante”⁷. Aqueles que tanto condenam tal subterfúgio se mostraram extremamente hábeis em manejá-lo ao picotar a passagem do rico e do Lázaro. Isso porque, para fugir da dificuldade que enfrentaria quando confrontado com a Palavra de Deus, o apologista se desvencilhou do problema com o escapismo da frase “O resto da história é bem conhecido”. Pode ser bem conhecido para os outros leitores, mas não para ele! Vou então transcrever a continuação do texto para posteriormente expor a razão da fuga:

“Então, replicou: Pai, eu te imploro que o mandes à minha casa paterna, porque tenho cinco irmãos; para que lhes dê testemunho, a fim de não virem também para este lugar de tormento. Respondeu Abraão: Eles têm Moisés e os Profetas; ouçam-nos. Mas ele insistiu: Não, pai Abraão; se alguém dentre os mortos for ter com eles, arrepender-se-ão. Abraão, porém, lhe respondeu: Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos” (Lc. 16. 27-31).

Faço um novo resumo para facilitar a apresentação do ponto, o qual pode e deve ser comparado com o texto acima. Continuando a abrupta interrupção católica temos:

- e. Como o santo nada pode fazer pelo morto, este pede para o santo intervir na vida dos vivos;
- f. O santo novamente se nega a intervir, informando que os vivos devem ouvir a Moisés e aos Profetas;
- g. Não satisfeito, o rico insiste. Crê que a intervenção miraculosa levaria os seus ao arrependimento;
- h. O santo deixa claro: Nada convenceria aqueles que se negam a ouvir Moisés e os profetas.

Uma vez exposta a continuação do texto outrora omitida pelo apologista católico, voltemos à pergunta deixada em aberto: O Santo pode fazer algo pelo vivo? O texto mostra que não! O vivo deve ouvir a Moisés e aos profetas, isto é, deve ouvir o que a Bíblia diz. Assim, **a parábola do rico e do Lázaro nos mostra que Abraão (o santo) nada pôde fazer nem por vivos nem por mortos!**

Em um esforço final, o apologista católico pode acertadamente argumentar que o rico está morto tanto física como espiritualmente, e por isso não foi atendido. Tal argumento em nada invalida ou modifica a resposta de Abraão, pois ela não é do tipo “não vou te atender porque você é mau”; antes, simplesmente revela uma verdade espiritual – que os vivos devem ouvir a Moisés e aos profetas. Ela independe do autor da pergunta ser um morto-morto ou um morto-vivo⁸. Ademais, o foco não está em quem fez o pedido, mas sim naqueles que eventualmente ouviriam a Lázaro, ao que Abraão responde: “Se [os vivos] não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos”. O que vemos de prático é a não interferência do “santo” nas questões aqui na terra. E Abraão diz que **“ainda que”** (hipótese implausível) fosse possível interferir, ainda assim a intervenção em nada adiantaria.

Para finalizar a questão, imagine uma SITUAÇÃO HIPOTÉTICA, onde um dos santos católicos (ou qualquer outro cristão) eventualmente se achegue a Abraão e diga: “Permita-me ir ou mande alguém avisar meus irmãos quão horrível é ‘o lado de lá’ do abismo”. Qual será a resposta a obter do “santo”? Creio que nem o católico sustentará que Abraão fará a concessão, haja vista que Moisés e os profetas são suficientes. Se o próprio Lázaro – um morto-vivo, semelhante aos “santos” – se apresentasse a Abraão e pedisse em prol dos irmãos do rico, fatalmente obteria a mesma resposta: os vivos devem ouvir a Lei e os Profetas!

Assim, **pelo que vimos até aqui na parábola do rico e de Lázaro, a oração feita pelos mortos (caso ocorra) em prol dos vivos é infrutífera, pois não há interferência alguma na terra.** E se o cristão, ainda vivo, fizer a mesma petição a um dos santos nos céus? Será que o “santo” poderá fazer algo pelo fiel na terra? Por inferência, ainda que o santo pudesse ouvir a petição (hipótese refutada no ponto “ii” a seguir), a parábola do rico e do Lázaro nos levam a crer que ele nada poderia fazer na terra, pois as palavras de Abraão continuam válidas: “Eles têm Moisés e os Profetas; ouçam-nos”. Seja como for, o fato é que a parábola do Rico e do Lázaro nos mostra o quanto infrutífera é a oração caso seja dirigida aos santos mortos.

Assim, se é infrutífera a oração aos mortos, é vã qualquer petição ao santo. Se é vã a petição ao santo, devemos pedir ao sacerdote perpétuo, Jesus, o único que pode ouvir e atender nossas orações: “portanto, pode também salvar perfeitamente os que **por ele [Jesus] se chegam a Deus**, porquanto vive sempre para **interceder por eles**” (Hb 7.25).

ii. Maria ouve as orações que lhe são feitas;

Em linhas gerais, podemos dizer que a parábola do Rico e do Lázaro apresentada acima trata da “não intervenção direta” do santo nos assuntos terrenos. Até a resposta do apologista católico, considerarei a questão como bem definida e provada.

O que verificaremos a partir de agora é se há uma comunicação pelo menos unilateral (da Terra para os céus) entre os vivos e “os santos”. Caso provemos que não exista esta comunicação, desnecessário é provar que Maria também não ouve aqueles que se dirigem a ela. Digo isto porque aqui discorreremos sobre a intercessão a todo e qualquer santo, onde se inclui também Maria.

Considerando-se que...

“Toda Escritura é divinamente inspirada e proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente preparado para toda boa obra” (2Tm 3.16-17);

“Porque tudo o que dantes foi escrito, para nosso ensino foi escrito, para que pela paciência e consolação das Escrituras tenhamos esperança” (Rm 15.4);

“Todo aquele que vai além do ensino de Cristo e não permanece nele, não tem a Deus; quem permanece neste ensino, esse tem tanto ao Pai como ao Filho” (2Jo 1.9)

...parece sensato concluir que **as práticas agradáveis a Deus foram explícita ou mesmo implicitamente expressas nas Escrituras para o nosso ensino.** Creio que o católico concordará com esta afirmação. Além disso, o texto de 2Jo 1.9 mostra que **a Bíblia condena como no mínimo suspeitas as práticas que vão além do ensino de Cristo.**

Ora, se o que está escrito na Bíblia é útil para ensinar, há que se supor que “a oração aos santos” (ou anjos) também deveria encontrar amparo nela. O fato é que isso simplesmente não ocorre (desde que as Escrituras não sejam corrompidas, é claro). Reafirmamos que as doutrinas fundamentais da fé cristã estão bem expressas na Bíblia, ainda que de forma não explícita (crença na Trindade, por exemplo). Partindo deste pressuposto e amparado pelos versículos acima, afirmo que **a prática de oração aos santos é contrária as Escrituras**, pois:

- Contraria o modelo da oração deixando por Jesus, onde somos instruídos a orar exclusivamente a Deus⁹ (Mt 6.9);
- Contraria o autor da carta aos Hebreus, que deixa claro que é EXCLUSIVAMENTE CRISTO quem intercede por nós junto a Deus (Hb 5.1; 7.23-26; 9.24);
- Contraria a instrução de João, que afirma ser Jesus o nosso [único] advogado¹⁰ (defensor/intercessor) junto ao Pai (1Jo 2.1);
- Contraria o exemplo dos servos de Deus do Velho Testamento, que oravam exclusivamente a Deus (e não aos patriarcas ou profetas, por exemplo);
- Contraria o exemplo dos servos de Deus do Novo Testamento, que oravam exclusivamente a Deus.

Significativo ainda é apresentar alguns casos em que os servos de Deus poderiam e até deveriam recorrer pedindo a “mediação” de seus antecessores em oração, porém não o fizeram, pois bem sabiam que só Deus poderia socorrer-lhes na terra. Citemos alguns exemplos:

- Jacó reconhecia que fora Deus, e não Abraão ou Isaque, quem lhe sustentara a vida e lhe concederá a graça de encontrar seu filho José no Egito (Gn 48.15). Semelhantemente, Jacó diz que quando morresse, seria Deus quem continuaria a sustentar a José (Gn 48.21), donde infere-se que Jacó bem sabia que não mais teria qualquer “poder” sobre os assuntos na terra.

- José, ao invés de orar a Abraão ou Isaque, sabia que Deus era com ele (Gn 39,2) e que fora Deus quem lhe fizera próspero no Egito (Gn 41.51-52). Igual ao seu pai, deixou claro para seus descendentes que, quando morresse, seria Deus quem continuaria a sustentar seus filhos (Gn 50-23-24).

- Moisés, ao invés de orar aos patriarcas pedindo que eles aplacassem a ira de Deus, dirigiu-se diretamente a Deus, sem intermediário, pedindo Sua misericórdia por amor aos (e não por meio dos) patriarcas, aqueles aos quais Deus havia feito a promessa de tornar-lhes uma grande Nação (Ex 32.11-14).
- Josué, ao invés de contar com a intermediação de Moisés quando este morreu, passou a contar com a assistência direta do próprio Deus (Js 1.5). O povo contava apenas com as promessas que havia ouvido de Moisés enquanto ele estava vivo (Js 1.13), e é nestas promessas e não em uma eventual mediação que deveriam se firmar.
- Ana, atribulada por ser estéril, ao invés de orar a Sara ou a Rebeca ou a Raquel, pois semelhantemente haviam sido estéreis no passado, derramava sua alma perante Deus (1Sm 1.15), o único que poderia atender àquela petição (1Sm 1.17).
- Samuel, ao invés de instruir o povo a orar pedindo a mediação de seu antecessor Eli, orientou-os a orar diretamente a Deus (1Sm 7.5).
- Davi, ao invés de orar a Samuel pedindo a perpetuação do reino em sua família, dirigiu-se humilde e diretamente a Deus (2Sm 7.18-29).
- Salomão, ao consagrar o Templo que havia construído, deixa claro que o povo deveria orar diretamente a Deus, sem a necessidade de intermediação de qualquer um dos patriarcas ou profetas do passado (2Cr. 6.21-36).
- Elias, ao invés de prometer a Eliseu qualquer auxílio *post mortem*, deixa bem claro que sua ajuda só poderia ser dada antes dele ser tomado por Deus (2Re 2.9-12).

Vê-se que há uma esmagadora gama de exemplos de Servos de Deus orando EXCLUSIVAMENTE a Deus, e uma total ausência de oração a qualquer um dos “santos” do passado (salvo a exceção de Saul¹¹, que contrariou um claro mandamento do próprio Deus, conforme mostra Dt 18.10-12). Diante das evidências, ousamos afirmar que **nas Escrituras, jamais um servo fiel a Deus dirigiu orações a alguém que não fosse o próprio Deus**. Esperamos que tais evidências sejam capazes de provar ao católico que as orações dos servos de Deus devem ser direcionadas unicamente a Ele.

Uma vez evidenciada a falta de respaldo para orar a outro que não seja Deus, voltemos agora à questão inicial, que é avaliar se Maria ouve as orações que lhe são feitas. A apologética católica assim se pronuncia sobre a possibilidade dos mortos ouvirem as orações dos vivos:

“Quanto ao segundo aspecto, o de que os mortos absolutamente não podem saber nada do que ocorre no mundo, é uma interpretação que não tem base bíblica. Deus pode comunicar aos que estão no paraíso conhecimento do que ocorre na terra, pois os santos, como Abraão, Isaac e Jacó, estão vivos. O Senhor é Deus dos vivos, e não dos mortos ou dos adormecidos.”¹²

Como de praxe, simplifiquemos a questão. Segundo o ponto de vista católico:

- a. Afirmar que os mortos não podem saber o que ocorre na terra não tem base bíblica;
- b. Deus pode comunicar conhecimento do que ocorre na terra aos santos, pois estão vivos;
- c. O Senhor é Deus de vivos, não de mortos;

Assim respondemos às proposições católicas:

a. Afirmar que os mortos não podem saber o que ocorre na terra não tem base bíblica – Engana-se o católico em sua consideração. Mostraremos a ele a base bíblica pedida, apresentando a resposta de forma gradativa e didática. A Bíblia afirma que:

- A morte é, por definição, uma separação do mundo físico, quando o pó volta ao pó, e o espírito volta a Deus¹³ (Ec 12. 7);
- O tempo de realização de todas as coisas é durante a vida terrena (Ec 3.17);
- Os mortos nada sabem e não participam das coisas terrenas (Ec 9.5-7);
- Não existe nenhuma obra após a morte (Ec 9.10);
- e a morte é um período em que os santos descansam¹⁴ de suas fadigas (Jó 17.13-16; Pv 11.7-8; Ap. 14.13).

Assim, com base em todos estes versículos citados, podemos enfaticamente dizer que **nenhum “santo” do passado tem conhecimento do que se passa na terra**. Logo, qualquer oração dirigida a Maria não pode ser ouvida por ela, pois é isso que os textos supracitados deixam implícito.

Corroborando com a conclusão acima, há ainda alguns outros argumentos que a endossam:

- Paulo, cada vez mais próximo do momento da sua morte, deixa claro que só o “viver na carne traz fruto para o trabalho”, razão pela qual havia vantagem em continuar a viver para Cristo (Fl 1.21-24). Na morte não haveria mais fruto (nenhuma intervenção), só a dádiva da presença do Salvador.
- Escrevendo a Timóteo (2Tm 4.6-8), Paulo também dá a entender que a morte seria o término de sua carreira, quando não mais seria necessário anunciar e defender o evangelho, interceder pelas igrejas, etc.

Ele simplesmente aguardaria a coroa da justiça, da mesma forma que os demais servos de Deus também aguardam.

- Citemos novamente o caso de Elias, que disse a Eliseu: “Pede-me o que queres que eu te faça, antes que seja tomado de ti” (2Re 2.9). Se o pedido tinha que ser feito antes dele ser tomado, fica evidente que após sua partida ele não teria qualquer “poder” nem prestaria mais auxílio a Eliseu¹⁵.

b. Deus pode comunicar conhecimento do que ocorre na terra aos santos, pois estão vivos – O católico foi preciso no início de sua sentença ao escrever que “Deus pode comunicar” (nem mesmo ele ousou dizer “Deus comunica”, pois teria que provar tal afirmação, trazendo um grande problema para si). O fato de Deus “poder” fazer algo não significa que ele o faça¹⁶. Continuando a análise da sentença, as Escrituras afirmam sim que Deus é “Deus de vivos”, porém diz também que ele tem dado descanso aos seus servos, conforme mostra o texto já citado de Ap 14.13: “Então, ouvi uma voz do céu, dizendo: Escreve: Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem das suas fadigas, pois as suas obras os acompanham”. Assim, apesar de poder (= ter poder para) dar conhecimento do que se passa na terra, as evidências bíblicas sugerem o contrário: ele preferiu dar descanso aos servos que partiram desta terra. Para finalizar o presente ponto, tomo a liberdade de complementar à sentença de acordo com o que a Bíblia mostra: **Deus pode comunicar conhecimento do que ocorrer na terra aos santos, pois estão vivos, porém não o faz, pois em sua infinita sabedoria preferiu dar descanso àqueles servos que um dia lhe foram fiéis.**

c. O Senhor é Deus de vivos, não de mortos – proposição verdadeira. O problema é que a “b” era semi-falsa (pois induzia ao erro), e a “a” completamente falsa, conforme mostramos. Semelhante ao exposto acima, ser Deus de vivos não implica em dar a estes vivos o conhecimento das coisas terrenas. Ademais, a afirmação acima consta dos sinóticos e foi proferida por Jesus para justificar a ressurreição (na qual os saduceus não acreditavam), e não para provar que os “santos” sabiam do que se passava na terra, conforme induz a pensar o artigo católico. Diante das evidências, podemos dizer que o católico tenta tirar de uma afirmação verdadeira (Deus é Deus de vivos) uma conclusão falsa (Deus comunica coisas da terra aos mortos), buscando com isso enganar o incauto.

Amparadas pelas Escrituras, as frases em negrito nos tópicos “a” e “b” acima deixam claro o ponto de vista protestante sobre a impossibilidade do morto ouvir às orações que lhe são feitas. Uma vez firmada a posição bíblica sobre a questão da não comunicação com os mortos¹⁷, vamos discorrer rapidamente sobre algumas citações da apologética católica para justificar a defesa da oração a Maria e a outros santos. Em seus argumentos, os católicos dizem:

1. Como “cristãos vivos” oram uns pelos outros, nos céus também o fazem, pois estão mais perto de Deus.

“Se os santos intercedem na terra, com muito mais razão no céu, quando já estão na posse da bem-aventurança eterna, e querem esse mesmo bem para os que ainda lutam na terra.”¹⁸

“Ora, se um homem pode rezar por outro, se Deus atende os pedidos de um homem pelo outro, por que não se poderia pedir à Virgem Mãe de Deus, a criatura mais amada por Cristo, que peça por nós ao único mediador absoluto, que nos conceda suas graças?”¹⁹

Sem entrar em maiores detalhes, vemos uma certa coerência na lógica católica. A oração feita por aqueles que já estão mais próximos de Deus teria “maior poder”. Todavia, novamente temos um argumento lógico, porém não TEOLógico. Em primeiro lugar o raciocínio de maior ou melhor intercessão nos céus se opõe às Escrituras e lembra o pensamento gnóstico (sei que esta não é a intenção consciente dos apologistas da Montfort, que corretamente se opõem ao gnosticismo), que considera a matéria má; como dissemos, tal conceito é estranho às Escrituras, pois nela somos exortados a pedir com fé enquanto encarnados. Por isso Tiago deixa a instrução: “Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros, para serdes curados. **Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo. Elias era homem semelhante a nós**, sujeito aos mesmos sentimentos, e orou, com instância, para que não chovesse sobre a terra, e, por três anos e seis meses, não choveu. E orou, de novo, e o céu deu chuva, e a terra fez germinar seus frutos” (Tg 5.16-18). Em segundo lugar, já vimos que nos céus os santos não têm conhecimento do que se passa na terra, pois Deus preferiu dar-lhes descanso, conforme diz, por exemplo, Jó 17.16: “Ela [minha esperança] descerá até às portas da morte, quando juntamente **no pó teremos descanso**”.

2. Existe na Bíblia o registro de um milagre devido à intercessão de um morto.

“[...] vemos que os ossos de Eliseu ressuscitaram um morto (IV Reis, XIII, 21).

Como poderia Deus permitir um milagre, usando a intercessão de um morto?

É que os santos são preciosos diante de Deus, e preciosa é sua morte, que leva à vida eterna.”²⁰

Citemos integralmente a passagem à qual o autor se refere: “Morreu Eliseu, e o sepultaram. Ora, bandos dos moabitas costumavam invadir a terra, à entrada do ano. Sucedeu que, enquanto alguns enterravam um homem, eis que viram um bando; então, lançaram o homem na sepultura de Eliseu; e, logo que o cadáver tocou os ossos de Eliseu, reviveu o homem e se levantou sobre os pés” (2Re 13.20-21)

Confesso que procurei à exaustão, todavia não encontrei o morto Eliseu intercedendo (orando) para que o outro morto ressuscitasse. O que a passagem mostra é que Deus realizou um milagre utilizando uma matéria pré-existente²¹ (ossos do profeta), semelhante aos milagres utilizando terra e saliva (Jo 9.6), árvore (Ex 15.23-25), águas do rio (2Re 5.9-10), cajado (Ex 4.2-3), lenço (At 19.11-12), mula (Nm 22.28), etc. Ora, dizer que os ossos de Eliseu ressuscitaram o morto devido à intercessão dele é tão ridículo quanto dizer que a mula decidiu por vontade própria falar ou que a intercessão da árvore transformou as águas amargas em doces quando Israel vagava no deserto. A verdade é que quem realiza o milagre sempre é Deus, e os meios podem ser os mais diferentes e estranhos possíveis. O que não se pode é forçar a Bíblia a dizer o que ela não diz...

3. Deus usa intercessores na terra. Logo, os mesmos continuam a interceder nos céus.

“Deus quer intercessores. Usou Moisés para libertar o povo, e só perdoou o mesmo povo escolhido, porque Moisés intercedeu. Acho que você já folheou o Êxodo, não é? E o mesmo com Jó, que intercede pelos amigos. E também com os ossos de Eliseu, que ressuscitam um morto. E também São Paulo, que orava pelos fiéis das diversas localidades onde pregou”²²

Desculpem-me se eu estiver cansando o leitor, porém tenho que apontar as citações utilizadas pela apologética católica. Exceção feita ao devaneio sobre a intercessão dos ossos de Eliseu (um argumento já refutado acima), de fato existiram estes e tantos outros intercessores na história do povo de Deus. Nenhum protestante com um mínimo de conhecimento bíblico nega isso. O que negamos é a intercessão executada após a morte de tais pessoas, crença contrária ao que diz a Bíblia, conforme já mostramos. A lista de intercessores apresentada pelo apologista católico mostra apenas aquilo que tanto eles quanto os protestantes crêem – que os vivos intercedem uns pelos outros. Contudo afirmar que os mortos que estão nos céus continuam a interceder não passa especulação católica, algo jamais ensinado por um servo de Deus no AT ou por qualquer um dos apóstolos. Se nos apegarmos apenas àquilo que a Bíblia ensina sem deturpá-la, veremos que:

- a. Deus usa intercessores na terra (Moisés, Jó, Paulo, Neemias, Daniel, Davi, etc.)
 - b. Desde que estes servos morreram, passaram a descansar de suas fadigas (Jó 17.13-16; Pv 11.7-8; Ap 14.13)
 - c. Jesus e o Espírito Santo são os nossos únicos intercessores nos céus (Rm 8.26-27,34; Hb 7.25)
- Assim, para provar que Deus usa intercessores nos céus, o católico tem que arrumar um argumento sólido que o possibilite rejeitar as premissas “b” e “c”. Espero que tal argumento não contenha novos sofismas...

4. O texto de Ap 6.9-10 mostra que os mortos podem interceder pelos homens

“E no Apocalipse está escrito que os que estavam mortos clamavam a Deus dizendo: Até quando? ‘Aberto o quinto selo, vi debaixo do altar as almas dos que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que tinham dado dele. Clamavam em voz alta, dizendo: Até quando, Senhor, santo e verdadeiro, dilatas Tu o fazer justiça e vingar o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?’ (Apoc. VI, 9-10).

Logo, os mortos fisicamente, mas vivos pela graça, podem clamar a Deus e interceder pelos homens.²³

Vamos primeiramente distinguir o falso do verdadeiro na conclusão da asserção católica:

Verdadeiro – “Os mortos fisicamente, mas vivos pela graça, podem clamar a Deus”

Falso – “[Os mortos fisicamente, mas vivos pela graça, podem] interceder pelos homens”

A parte verdadeira da conclusão católica está explícita no texto de Apocalipse, sendo desnecessário qualquer comentário. Convido então o leitor a analisarmos a parte falsa. O católico pretende mostrar que os santos estão intercedendo pelos homens, quando o texto mostra que a intercessão é por eles mesmos (“fazer justiça e vingar o nosso sangue”). É patente a inexistência de oração pelos homens vivos. Ademais, o texto não fala de todos os “santos”, mas apenas dos que “tinham sido mortos por causa da Palavra de Deus e por causa do testemunho que tinham dado dele”, mui provavelmente em referência aos mártires. Como nem todo cristão tem o privilégio do martírio, a interpretação católica peca ainda ao estendê-la a todos os “santos”, algo que não condiz com o texto de Apocalipse. A “tesoura católica” ainda corta uma parte importante do texto, que é a resposta dada aos que clamam por justiça: “Então, a cada um deles foi dada uma vestidura branca, e lhes disseram que repousassem ainda por pouco tempo, até que também se completasse o número dos seus conservos e seus irmãos que iam ser mortos como igualmente eles foram”

(Ap 6.11). Juntando as partes do texto, ele em nada contradiz a posição protestante. Mais que isso, nada prova sobre a intercessão pelos homens. O texto simplesmente diz:

- Os Mártires estão diante de Deus;
- E clamam pela vingança do próprio sangue derramado na terra;
- Deus os veste de roupas brancas e dá-lhes descanso;
- Prometendo a justiça para o tempo oportuno (isto é, até completar o martírio dos consertos).

Diante da evidência fornecida pelo próprio texto e unindo aquilo que a “tesoura católica” havia separado, enfatizamos que “usar” Ap 6.9-10 para tentar provar que os santos intercedem em prol dos homens não passa de logro.

5. Há outros mediadores nos céus além de Cristo

“E você vem também repetir a superficial e incompleta ‘Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem’ (I Timóteo 2:5), do qual vocês cortam a parte fundamental, que explica o equívoco de vocês? Pobre Fernanda...”

Se Cristo é o único mediador, que quis dizer São Paulo, quando pedia a oração dos fiéis e oferecia as suas, em várias Epístolas (I Timóteo, II 1-3; Efésios, VI, 17-19; Romanos, XV, 30-31; I Tessalonicenses V, 25; II Tessalonicenses III, 1-2; Hebreus XIII, 18-19)? São Paulo pedia e oferecia intercessão!

E o próprio São Paulo escreveu que Cristo era mediador de uma MELHOR Aliança!

E Moisés se dizia intérprete e mediador entre Deus e o povo (Deuteronômio, V, 5).

Em que consiste então a mediação única de Cristo? Basta ler até o fim: “Porque há um só Deus e só há um mediador entre Deus e os homens, que é Jesus Cristo homem, QUE SE DEU A SI MESMO PARA REDENÇÃO DE TODOS” (1o. Timóteo, II, 5-6).

É como redentor que Cristo é único mediador. Pois só Cristo é Deus e homem, e portanto só Cristo tem méritos suficientes para satisfazer a justiça Divina, pois é Deus, e só Cristo é ao mesmo tempo homem, e portanto pode pagar o pecado pelos homens.

Como REDENTOR, que tira o pecado do mundo, só Cristo é mediador.”²⁴

No texto em análise, o apologista católico rebate o argumento de uma jovem protestante chamada Fernanda, pois a moça havia dito que só a fé em Jesus salva o homem, sendo desnecessária a mediação, por exemplo, de Maria, mediação esta que a moça chama de “idolatria”²⁵. Em defesa à sua crença, o apologista usa a mediação (ou intercessão) de vivos para provar que a moça estava equivocada. Para entender este tipo de argumentação, temos que compreender o contexto da discussão para assim mostrar algumas armadilhas colocadas no texto. Tentarei simplificar:

- a. Os protestantes argumentam que só Jesus é mediador entre Deus e os homens (1Tm 2.5);
- b. Os católicos oram aos santos considerando-os mediadores entre Deus e os homens.

Está implícito nos pontos de vista que a questão se trata de descobrir se só Jesus ou se os mortos também podem interceder a Deus nos céus. Enfatizo: **a questão é sobre quem intercede nos céus**. O apologista católico fala sobre a intercessão na terra para, por extensão, defender a crença na intercessão nos céus (semelhante ao já mostrado no ponto 1 acima). Ao desviar-se da verdadeira pergunta – a intercessão nos céus –, ele aparentemente “vence” o debate, pois “prova” a intercessão na terra (algo que não estava em discussão). Assim, sua aparente vitória só ocorre na “distracção” que ele mesmo criou.

Após **responder o que não estava em discussão**, porém **não responder o que estava**, o apologista católico parte para a exegese do texto de 1Timóteo. Ao final de sua argumentação ele extrai a seguinte conclusão: “como REDENTOR [...] só Cristo é mediador”. Isso posto, vamos verificar se o texto de Paulo a Timóteo de fato **restringe** a mediação de Cristo a **apenas** como redentor, conforme sustenta o apologista da Montfort. Leiamos novamente o texto: “Porque há um só Deus e só há um mediador entre Deus e os homens, que é Jesus Cristo homem, QUE SE DEU A SI MESMO PARA REDENÇÃO DE TODOS” (1Tm 2.5-6). Do nosso ponto de vista quando à mediação, o texto faz uma afirmação e fornece uma explicação. A afirmação é: *Há um só mediador, Jesus Cristo Homem*. A explicação de Paulo sobre a razão pela qual só Cristo possui a incumbência é: *porque só ele é o redentor, isto é, o salvador*. Se o católico deixar de forçar o texto para se adequar às suas crenças, fatalmente verá que ele revela **a razão pela qual só Cristo é mediador**, e **não à esfera à qual a mediação se aplica**. Assim, comparando as interpretações sobre o trecho em “caixa alta” temos:

- Para o católico, o texto fala que a mediação única se aplica apenas à questão da redenção.
- Para o protestante, o texto fala da razão pela qual só Jesus pôde ser o mediador.

Tentarei deixar as expressões ainda mais parecidas para facilitar a compreensão:

- Para o católico, o texto fala que a mediação única se aplica apenas à redenção.
- Para o protestante, o texto fala que a mediação única se aplica por causa da redenção.

Coaduna-se com a nossa interpretação, por exemplo, o texto de 1Jo 2.1-2: “Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo; e ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro”. De acordo com João, Jesus é o advogado por que foi Ele quem fez a propiciação, isto é, foi ele quem pagou pelos nossos pecados. Vê-se que ele é o Advogado por causa da redenção. Por ser o único Advogado (notem o singular), só Jesus pode apresentar a defesa dos réus (homens) perante o Juiz Supremo (Deus). Só ele intercede em prol do réu nos céus. E por que só ele possui tal atribuição? Porque “ele é a propiciação pelos nossos pecados”, isto é, porque só ele pagou a nossa dívida. João não diz que Jesus é o único advogado apenas em relação à salvação; antes, diz que Ele é o único advogado por causa da propiciação realizada por Ele.

A fim de evitar a objeção antecipada de meu (irmão e) opositor, bem reconheço que o texto de João trata de confissão de pecados. Ele não impugna o contexto no qual o aplicamos, pois a confissão é um caso particular que exige mediação. Só Jesus é mediador entre Deus e os homens, seja na confissão (1Jo 2.1-2), seja nas demais orações (1Tm 2.5).

Após exposição maior que gostaríamos, vamos então finalizar o ponto ii, onde analisamos se Maria ouve as orações que lhe são feitas. Ao longo da explanação, vimos que não devemos orar a nenhum outro que não seja Deus (Mt 6.9), bem como não há conhecimento dos mortos sobre o que se passa na terra (Ec 9.5-7). Isso porque os que morrem no Senhor apenas descansam e aguardam a ressurreição (Ap 14.13). **Assim, ao invés de orar a Maria, que nada sabe do que aqui se passa, devemos orar a Deus por meio de Cristo, pois Paulo deixa claro que Cristo não necessita de intermediários para nos atender**, pois “é Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós” (Rm. 8.34). Antes que o católico se apresse em tentar deturpar a palavra “também”, é preciso informar que o contexto deixa claro que **o único outro que intercede por nós nos céus é o Espírito Santo**, pois um pouco antes o texto diz: “Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira, com gemidos inexprimíveis. E aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito, porque segundo a vontade de Deus é que ele intercede pelos santos” (Rm 8.26-27).

iii. Maria é capaz de apresentar ao filho a prece do fiel;

Como para o católico este ponto depende essencialmente do anterior, cabe a ele ter sucesso lá para depois tentar se justificar aqui. Como não tenho como prever quão boa será a apologética católica no item precedente, considero, por hora, a questão já devidamente exposta ali. O sucesso ou insucesso dele lá tem o mesmo impacto aqui.

Para não passar em branco sobre a possibilidade de Maria ouvir ou não as orações que lhe são feitas, no presente tópico me limito a perguntar e a responder apenas duas questões, e que o católico as comente ou refute conforme desejar.

Pergunta 1 – Onde está e o que faz Jesus no exato momento?

Resposta 1 – Jesus está a direita de Deus (Lc 22.69; At 7.55; Cl 3.1) e intercede por nós (Rm 8.34; Hb 7.25).

Pergunta 2 – Onde está e o que faz Maria no exato momento?

Resposta 2 – Maria está nos céus com Cristo e com os demais servos de Deus (Lc 23.43), aguardando em repouso (isto é, sem se cansar ou se preocupar com as coisas terrenas) a ressurreição para a vida (Jó 19.25-26; Dn 12.2; Ap 14.13; Ap 20.4-6).

Por estar implícita na redação do que chamamos de tópico iii, aproveito a ocasião para discorrer também sobre a idéia católica de Maria continuar a ser mãe de Jesus nos céus. Conforme demonstraremos, tal crença foi implicitamente refutada pelo próprio Cristo em pelo menos duas passagens bíblicas, às quais analisaremos a seguir:

1. o primeiro caso narra um episódio no qual a família de Jesus tenta se achegar a ele. Assim diz o evangelista: “Vieram ter com ele sua mãe e seus irmãos e não podiam aproximar-se por causa da concorrência de povo. E lhe comunicaram: Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e querem ver-te. Ele, porém, lhes respondeu: Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a praticam” (Lc 8.19-21). A resposta de Jesus ressalta que seus consangüíneos não tinham nenhum mérito devido ao parentesco carnal, pois ele informa que sua mãe e seus irmãos, em termos espirituais, eram aqueles que praticavam a palavra de Deus. Baseados nas palavras do próprio Cristo, afirmamos que é no mínimo

estranho imaginar que a “relação privilegiada” de mãe-filho se estenda à esfera espiritual como pretende o católico.

2. Corroborando com o texto acima, temos Jesus novamente dando explicações a respeito do reino dos céus: “chegando alguns dos saduceus, homens que dizem não haver ressurreição, perguntaram-lhe: Mestre, Moisés nos deixou escrito que, se morrer o irmão de alguém, sendo aquele casado e não deixando filhos, seu irmão deve casar com a viúva e suscitar descendência ao falecido. Ora, havia sete irmãos: o primeiro casou e morreu sem filhos; o segundo e o terceiro também desposaram a viúva; igualmente os sete não tiveram filhos e morreram. Por fim, morreu também a mulher. **Esta mulher, pois, no dia da ressurreição, de qual deles será esposa?** Porque os sete a desposaram. **Então, lhes acrescentou Jesus: Os filhos deste mundo casam-se e dão-se em casamento; mas os que são havidos por dignos de alcançar a era vindoura e a ressurreição dentre os mortos não casam, nem se dão em casamento.** Pois não podem mais morrer, porque são iguais aos anjos e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição” (Lc 20.27-36 – ênfase adicionada). Embora a relação mãe-filho não esteja explícita no texto, tentaremos extrair o princípio deixado por Jesus no exemplo marido-mulher. Na pergunta dos saduceus, a mulher tivera sete maridos, tornando-se assim, segundo a lei de Deus, uma só carne com todos eles (Mc 10.7-9). A resposta de Jesus à questão deixa claro que o vínculo existente entre marido e mulher não mais existe nos céus. Ela não será esposa dos sete nos céus, donde se subentende que a relação carnal se desfaz com a morte. Por extensão, podemos argumentar que o vínculo existente entre pais e filhos também não mais existirá, o que nos permite concluir que **Maria não tem mais o papel de “Mãe de Deus” nos céus, mas sim de Serva.** A verdade é que, ao continuar a explicação aos saduceus, Jesus complementa: “Mas Jesus lhes perguntou: Como podem dizer que o Cristo é filho de Davi? Visto como o próprio Davi afirma no livro dos Salmos: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés. Assim, pois, Davi lhe chama Senhor, e como pode ser ele seu filho?” (Lc 20.41-44). Jesus está falando que Davi não herda privilégio extra por ser seu precursor, mas o próprio Davi reconhece o Cristo como seu Senhor. Novamente, a relação ascendente-descendente (a exemplo da relação mãe-filho) cai por terra, cabendo a Davi a posição de Servo de Cristo. Novamente, por analogia, apesar de Maria ser precursora de Jesus na Terra, nos céus o papel que lhe cabe é o de serva, tal qual Davi.

Ora, se Maria não possui o papel de “Mãe de Deus” nos céus, mas sim de serva, ela não tem nenhum privilégio em relação aos demais mortos em Cristo que aguardam a ressurreição. É fato que cada um receberá o galardão de acordo com suas obras (Ap 22.12), donde podemos concluir que ela receberá a devida recompensa por ter sido a mãe e tutora do Filho de Deus. Todavia, isso não implica em nenhum privilégio de poder interceder nos céus como “mãe de Deus”, assim como ela não possui o poder de interceder como serva (conforme vimos nos pontos i e ii).

iv. O filho se submete à petição de Maria;

Novamente, a defesa deste ponto depende fundamentalmente dos anteriores. Caso passem por eles, o católico ainda tem que suplantar as dificuldades intrínsecas ao tópico presente. Meu objetivo não é dar-lhes alívio; antes, pretendo apresentar-lhes mais dificuldades para que através delas eles venham a verificar as incoerências que defendem, para que possivelmente rejeitem a mediação infundada de Maria e se submetam integralmente ao senhorio de Jesus Cristo.

A exemplo do que já temos feito, vamos citar a própria apologética católica para refutá-los. Em um artigo publicado no site Montfort sobre as Bodas de Caná²⁶, o autor, bem antes do fim do artigo, lança alguns argumentos e extrai ali uma significativa conclusão:

“[...] em Caná, foi o pedido da Virgem que fez Ele antecipar a hora dos milagres, pois este é o poder da oração: como que ‘forçar’ a vontade de Deus, tal qual Jacó forçou o anjo a abençoá-lo. O que lhe valeu o misterioso nome de Israel, isto é, ‘forte contra Deus’ (Gen. XXXII,28). Não que a oração mude a vontade de Deus, mas Deus condiciona a doação de suas graças e de seus planos providenciais à súplica dos homens.”

“Maior do que a força de Jacó arrancando a bênção do anjo foi a força da petição de Maria arrancando de Cristo, seu divino Filho, a antecipação de sua hora”.

*“Neste caso do milagre de Caná, Ele [Jesus] quis demonstrar que a transformação da água em vinho – primeiro de seus milagres públicos na ordem natural – se deu **por causa** das súplicas de sua Mãe a Virgem Maria” (ênfase adicionada).*

Embora tanto o texto todo quanto os parágrafos acima transcritos contenham amplo material para discussão, aqui me limitarei apenas a uma questão principal. **Nos três trechos citados, enfatiza-se que o pedido de Maria fez Jesus antecipar a hora dos milagres. Não sei como o autor conseguiu extrair**

uma conclusão tão distante da realidade. Vamos primeiro reler o texto bíblico das Bodas de Caná, onde é dito: “Tendo acabado o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Eles não têm mais vinho. Mas Jesus lhe disse: Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora. Então, ela falou aos serventes: Fazei tudo o que ele vos disser” (Jo 2.3-5).

A aceitação do ponto de vista do apologista da Montfort envolve uma questão capital. Para preparar o leitor para acreditar em sua tese – que diz que Jesus obedeceu (e obedece) a Maria –, o autor católico precisa sutilmente modificar o sentido da resposta fornecida por Jesus. No artigo em questão assim ele interpreta a resposta do Filho quanto interpelado pela sua mãe: “Esta hora suprema a que Ele se referia chegaria na Páscoa Santa”. Embora tal interpretação seja válida, no presente contexto ela não se aplica²⁷, sendo bastante forçado incluí-la aqui. Isso porque, ao reescrever as sentenças de acordo com o raciocínio católico, teríamos Maria dizendo: “Eles não tem mais vinho”, ao que Jesus responderia: “Mulher, não é ainda a hora do meu sacrifício”. Para nós, a interpretação pretendida pelo apologista do artigo é questionável, simplesmente porque nela a pergunta e a resposta não têm nenhuma relação entre si. Isso nos obriga a encontrar um significado mais coerente para a resposta de Jesus, o que faremos nos próximos parágrafos.

Para evitar dispersão, como de praxe, vamos retomar e resumir a posição do apologista da Montfort. Para ele, Jesus explicitamente afirma que sua hora não havia chegado, pois o Mestre disse que ainda não era a hora da Páscoa, a qual só viria a ocorrer uns 3 anos depois. Reafirmamos que a apologética católica apresenta uma interpretação possível, porém improvável. Isso porque a fala de Maria, “Eles não têm mais vinho”, simplesmente não permite que se conclua que Maria ou mesmo Jesus tenham em mente a “Páscoa Santa” (seja a ceia com os discípulos, seja o sacrifício dele em si). Antes, a impressão que temos é que Maria sugere que Jesus use aquela situação para que através dela ele viesse a se manifestar como o Salvador, tornando público seu ministério. O texto de Jo 7.1-10 corrobora com esta interpretação, uma vez que ali é dito que os irmãos de Jesus lhe pedem para se manifestar ao mundo, deixando de fazer apenas as suas obras em oculto, ao que Jesus responde não ser chegada ainda sua hora. Se a passagem das Bodas for interpretada por este ângulo, teríamos mais ou menos o seguinte quadro:

- Em um ajuntamento de Judeus, um incidente (falta de vinho) abre uma oportunidade para Jesus manifestar publicamente seu ministério.
- Imaginando que a oportunidade estivesse nos desígnios de Deus como o momento de início do ministério público de Jesus, Maria o incentiva a se manifestar (onde, por exemplo, ele podia anunciar que faria o milagre para assim provar que era o Messias).
- Jesus responde que **sua hora ainda não havia chegado**, ou seja, **não era ainda a hora de tornar notório o seu ministério**.
- Jesus então supre a falta do vinho, porém sem que a maioria dos convivas soubesse que ele havia feito o milagre²⁸.
- Com aquele sinal, é dito que seus discípulos creram nele (Jo 2.11).

Comparando a interpretação católica com o que a nossa percepção, temos:

- O católico imagina que a fala de Maria fez Jesus antecipar o milagre. A resposta de Jesus – “quem tenho eu contigo”²⁹ – dificulta tal interpretação. Para isso ser verdade, a resposta dele teria que ser: “tudo bem mulher, já que você está pedindo, vou fazer o milagre. Contudo, lembre-se que ainda não é a hora da Páscoa Santa”.
- Para nós, a fala de Maria exorta Jesus a se manifestar publicamente. Ele se negou a tal ato, mantendo assim firme a palavra de não ser ainda a sua hora, isto é, não ser a hora de se revelar publicamente. Ele executou o milagre, não para agradar ou satisfazer a um pedido de Maria (uma vez que a expressão “que tenho eu contigo” impede tal conclusão), mas sim para que seus discípulos cressem nele, conforme diz Jo 2.11.

Se filtrarmos as sentenças acima, podemos assim comparar a crença católica *versus* protestante:

- Se Jesus fez o milagre por causa de Maria, a mulher “manda” em Deus e Ele a obedece. Logo, **MARIA SE TORNA MAIOR QUE DEUS**;
- Se Jesus não se manifestou publicamente, negando a sugestão de sua mãe, **MARIA CONTINUA COMO UMA SERVA SUBMISSA A DEUS**, mantendo a humildade de trinta anos antes, quando dissera ao anjo: “Aqui está a serva do Senhor; que se cumpra em mim conforme a tua palavra” (Lc 1.38).

Resta ao leitor escolher entre a Maria que **MANDA** ou a que **OBEDECE** a Deus. De minha parte, fico com a segunda opção.

Assim como Jesus não se curvou às petições de Maria durante seu ministério (é evidente que no papel de filho ele lhe obedecia), **da mesma forma ele não se submeteria a ela nos céus, ainda que se**

provasse que ela pudesse apresentar-lhe qualquer petição nos céus (hipótese esta refutada nas etapas anteriores, os pontos de análise i, ii e iii do presente dogma).

CONCLUSÃO DO DOGMA 21

É um fato histórico que no Concílio de Éfeso (431) atribuiu-se à “Santíssima virgem”³⁰ o título de *theotokos*, que literalmente significa “portadora de Deus”. O propósito na época era reforçar a natureza humana de Jesus contra as heresias que se infiltravam na Igreja. Historicamente, contudo, o sentido original do termo começou a ser deturpado, chegando o católico ao cúmulo (de forma velada, é claro) de considerarem Maria maior que Deus – pelo menos esta é a conclusão mais óbvia que se chega quando nos deparamos com frases do tipo “peça à mãe que o filho atende”. Se Deus se curva à petição de sua mãe, impreterivelmente ela lhe é superior. Não adianta espernear – a conclusão é inescapável.

Coadunando-se com a afirmação acima, gostaria de citar parte do texto de um e-book intitulado “A verdade sobre Maria”, escrito pelo pastor Airton Evangelista da Costa. Diz o autor: “Um notável escritor, Alfonso de Liguori, católico, escreveu extensamente, dizendo quão mais eficiente são as orações dirigidas a Maria do que as que são dirigidas a Jesus Cristo. Liguori, incidentalmente, foi canonizado como um ‘santo’ pelo papa Gregório XIV em 1839 e foi declarado ‘doutor’ da igreja católica pelo papa Pio IV. Em uma porção dos seus escritos, ele descreveu uma cena imaginária na qual um homem pecador viu duas escadas suspensas do céu. Maria estava no topo de uma; Jesus no topo da outra. Quando o pecador tentou subir por uma das escadas, viu o rosto irado de Cristo e caiu vencido. Mas, quando subiu a escada de Maria, subiu com facilidade e foi abertamente recebido por Maria que o levou ao céu e apresentou-o a Cristo. Daí em diante tudo estava bem. A história tinha a intenção de mostrar quão mais fácil e mais eficiente é ir a Cristo através de Maria”³¹. Independe de a Igreja Católica endossar ou não crenças conforme esta relatada, o fato é que o fiel pode facilmente acreditar, dentre outras heresias, que Maria é o caminho para se chegar aos céus, algo completamente oposto à Palavra de Deus, que explicitamente afirma ser Cristo o único caminho para se chegar ao Pai (Jo 14.6).

Uma outra citação encontrada no site da Montfort diz: “Por ela [Maria] Cristo veio ao mundo, por Ela necessariamente é preciso ir até Cristo. Esta é a escada maravilhosa que, conforme São Luís de Montfort, a Sabedoria utilizou para vir até nós, e portanto **[Maria] é o caminho mais sábio, curto, seguro e perfeito para se alcançar o céu**”³² (Grifo adicionado). O texto em destaque é uma clara heresia, pois é um evangelho diferente do pregado por Cristo e pelos apóstolos. Além de contrariar a afirmação feita por Jesus em Jo 14.6, a crença em Maria como caminho para se chegar a Deus é refutada pelas seguintes evidências:

- Pedro faz uma exposição do evangelho a Cornélio (At 10.34-43 - Maria não é sequer mencionada); o apóstolo ensina claramente que “por meio de seu nome [Jesus], todo aquele que nele crê recebe remissão de pecados” (At 10.43b).
- Filipe pregava anunciando o nome de Jesus: “Quando, porém, deram crédito a Filipe, que os evangelizava a respeito do reino de Deus e do nome de Jesus Cristo, iam sendo batizados, assim homens como mulheres” (At 8.12). Outro texto diz: “Então, o eunuco disse a Filipe: Peça-te que me expliques a quem se refere o profeta. Fala de si mesmo ou de algum outro? Então, Filipe explicou; e, começando por esta passagem da Escritura, anunciou-lhe a Jesus”. O caminho da salvação é conhecer e aceitar a obra realizada por Jesus, sem ser necessário sequer conhecer a Maria!
- O próprio Cristo assim disse: “Mas o Senhor Ihe disse: Vai, porque este [Saulo] é para mim um instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel”. Paulo fora chamado para pregar a salvação através de Jesus, não através de Maria. Não há outro caminho para se chegar a Deus.

Poderíamos citar tantas outras passagens, porém creio que estas já são suficientes para evidenciar o quão falsa é a doutrina que aponta Maria como “caminho alternativo” para se chegar a Deus. Diante de tudo que foi exposto, apesar de Maria ser chamada de “mãe do meu Senhor” (Lc 1.43), vimos que tal colocação só teve sentido enquanto ela esteve encarnada. Amparados pelas Escrituras, sabemos que Maria está nos céus com Cristo e com os demais servos de Deus (Lc 23.43), aguardando em repouso a ressurreição para a vida (Jó 19.25-26; Dn 12.2; Ap 14.13; Ap 20.4-6). Alí ela continua a ser uma serva de Deus, provavelmente sem nenhum vínculo de origem humana/carnal com Cristo (vide tópico B, subtópico iii). Ela ainda mantém a humildade de outrora, fazendo ecoar as palavras que dissera ao anjo na anunciação: “Aqui está a serva do Senhor; que se cumpra em mim conforme a tua palavra” (Lc 1.38).

DOGMA 20 - A Imaculada Conceição de Maria

Origem do Dogma

O Papa Pio IX, na Bula “Ineffabilis Deus”, de 8 de Dezembro de 1854 definiu solenemente o dogma da Imaculada Conceição de Maria:

"Declaramos, pronunciamos e definimos que a doutrina que sustenta que a Santíssima Virgem Maria, no primeiro instante de sua concepção, foi por singular graça e privilégio de Deus onipotente em previsão dos méritos de Cristo Jesus, Salvador do gênero humano, preservada imune de toda mancha de culpa original, foi revelada por Deus, portanto, deve ser firme e constantemente acreditada por todos os fiéis"

Refutação do dogma

Segundo o Papa Pio IX, a virgem Maria foi "preservada imune de toda a mancha de culpa original". Se assim o for, Maria não herdou o pecado de Adão e nem a tendência para o mal existente em toda a raça humana. Os problemas para sustentar esta tese são:

A. Contradiz várias passagens proferidas por Paulo:

Rm 3.10-12: "como está escrito: Não há justo, nem um sequer, não há quem entenda, não há quem busque a Deus; **todos se extraviaram**, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer"

Rm 3.23: "pois **todos pecaram** e carecem da glória de Deus"

Rm 5.12: "Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também **a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram**"

Não há dificuldades nem para católicos nem para protestantes em concordar que o termo "todos" exclui Jesus. Isso porque a Bíblia deixa explícito que Jesus não teve pecado (por exemplo, em Hb 4.15: "Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém, um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado"). Diante dos textos pergunto: Qual é a base da argumentação católica para excluir Maria do "todos"? A Escritura ou a Tradição? Espero argumentos do primeiro, pois os argumentos do segundo já são passíveis de refutação antes mesmo de ouvi-los, conforme exporemos na conclusão do presente dogma.

B. Contradiz, por exemplo, o texto de 1Co 15, no qual Paulo fala sobre a ressurreição, tanto a de Cristo como a dos demais humanos. Para sermos breves, vamos citar apenas os versículos 22 e 23: "Pois como em Adão todos morreram, do mesmo modo em Cristo todos serão vivificados. Cada um, porém, na sua ordem: Cristo as primícias, depois os que são de Cristo, na sua vinda". Segundo Paulo só Cristo havia ressuscitado. Os demais só teriam a ressurreição do corpo após a vinda do Messias, a qual, concordam os católicos, ainda não ocorreu. A exemplo dos demais servos "que são de Cristo", Maria também estava destinada a ressuscitar apenas na volta de Cristo³³. Cientes da passagem, assim os católicos, pela tradição, invalidam a Palavra de Deus: "A Assunção da Santíssima Virgem constitui uma participação singular na Ressurreição do seu Filho e uma antecipação da Ressurreição dos demais cristãos"³⁴. Semelhantemente, o Papa João Paulo II teria dito: "O dogma da Assunção, afirma que o corpo de Maria foi glorificado depois de sua morte. Com efeito, enquanto para os demais homens a ressurreição dos corpos ocorrerá no fim do mundo, para Maria a glorificação do seu corpo se antecipou por singular privilégio (sic)"³⁵. Entre a declaração de Paulo e a de João Paulo, fico com a do primeiro, verdadeiro Apóstolo de Deus (1Co 15.9).

C. Ao que parece, o Dogma da Imaculada Conceição visa inocentar Maria não apenas do pecado original, mas também de qualquer outro pecado subsequente. Em outras palavras, o que os católicos de fato afirmam é que Maria nasceu, viveu e morreu sem pecado(s). Ora, se Maria não tivesse pecado, ela não necessitaria morrer, pois Rm 6.23a diz: "O Salário do pecado é a morte". Como Maria morreu (nem o católico nega isso), infere-se que Maria era pecadora, invalidando o dogma da Imaculada Conceição. Para tentar justificar sua crença, assim se explica o católico da Montfort:

"Você sabe que a morte foi fruto do pecado de Adão. Pelo pecado de Adão, entrou a morte no mundo, como escreveu São Paulo.

Ora, Cristo preservou sua Mãe do pecado original. Ela estava, pois dispensada de morrer, e ela só quis morrer, para imitar o seu Divino Filho, que não tinha pecado, mas quis morrer na cruz para nos salvar.

Está escrito que Deus não permitiria que o seu Justo sofresse a corrupção do sepulcro.

Por isso também, Jesus não permitiu que aquela que foi 'cheia de graça' desde o primeiro instante de seu ser, fosse corrompida pela morte e pelo túmulo."³⁶

D os quatro parágrafos citados, apenas o primeiro encontra amparo na Bíblia. Os outros três possuem sentenças que a ela se opõem. Comentaremos rapidamente as frases "problemáticas" do texto:

2º parágrafo: "Ora, Cristo preservou sua Mãe do pecado original" – Não há sequer uma frase nas Escrituras para sustentar esta afirmação. Além disso, como vimos a pouco, ela claramente se opõe ao texto de Rm 3.23, o qual diz "pois todos pecaram e carecem da glória de Deus". De todos os humanos, só Cristo é exceção à regra, conforme mostra 1Pd 2.21,22.

"Ela estava, pois dispensada de morrer" – Conclusão lógica do trecho acima. Como lá a Escritura é contrariada, segue que a conclusão de dali advém também sofre da falta de base escriturística.

"e ela só quis morrer, para imitar o seu Divino Filho" – Imagino que o apologista católico não queria dizer o que disse. Provavelmente ele se precipitou e não pensou na heresia embutida na frase. Ora, para

“imitar” o filho, Maria teria que morrer como “salvadora”, como substituta do pecador, algo que nem mesmo a doutrina católica [por enquanto] sustenta. Todos concordamos em afirmar que Jesus não tinha pecado (Hb 4.15; 1Pd 2.21,22), e justamente por isso pôde morrer como substituto daqueles que nele viessem a crer. O apóstolo Pedro disse: “Porque também Cristo morreu uma só vez pelos pecados, **o justo pelos injustos**, para levar-nos a Deus; sendo, na verdade, morto na carne, mas vivificado no espírito” (1 Pd 3:18). Lamento, mas diante da citação de Pedro é impossível dizer que a morte de Maria “imitou” a de Jesus. Só “o Justo” (artigo definido no singular) – Cristo – morreu de forma substitutiva, ao que não é possível imitá-lo nisso.

Voltemos ao **raciocínio católico**, implícito na citação, para não nos perdermos na discussão:

(i) Por ter vivido sem pecado, (ii) Cristo estava dispensado de morrer, (iii) porém morreu de forma substitutiva. (i) Por ter vivido sem pecado, (ii) Maria estava dispensada de morrer, (iii) porém morreu para imitar o filho.

Com precisão quase que matemática, vemos que para imitar o filho a morte dela tem que ser substitutiva, o que é heresia. Vamos então desconstruir o sofisma católico: (iii) parece claro que **a morte de Maria não imitou a de Jesus**, pois ela não morreu no lugar de nenhum outro ser humano. (ii) Se ela não morreu no lugar de ninguém e ainda assim morreu, podemos dizer que **Maria não foi dispensada de morrer**. Sua morte foi o pagamento pelos pecados de alguém, e no caso necessariamente tem que ser pelos pecados dela mesma. Logo, (i) **Maria não viveu sem pecados**, pois sua morte física atesta que ela recebeu o “pagamento” pelo próprios pecados (haja vista que ela não morreu substitutivamente, a exemplo do ocorrido com Cristo).

3º parágrafo: “Deus não permitiria que o seu Justo sofresse a corrupção do sepulcro” – Citação verdadeira, porém o texto do Salmo 16.10 está sendo atribuído a Maria de forma falaciosa. Vejamos o que diz Pedro na pregação feita no dia do pentecoste: **“Porque a respeito dele [Jesus Cristo] diz Davi:** Diante de mim via sempre o Senhor, porque está à minha direita, para que eu não seja abalado. Por isso, se alegrou o meu coração, e a minha língua exultou; além disto, também a minha própria carne repousará em esperança, porque **não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo [hosios = livre de iniquidade³⁷] veja corrupção**. Fizeste-me conhecer os caminhos da vida, encher-me-ás de alegria na tua presença”. (At 2.25-28 – ênfase adicionada). O Apóstolo Pedro aplica o Salmo de Davi **exclusivamente** a Jesus Cristo. O Apóstolo Paulo igualmente (vide At 13.32-37). Logo, aplicar a citação a Maria é deturpar a Palavra de Deus.

4º parágrafo: “Jesus não permitiu que aquela que foi ‘cheia de graça’ desde o primeiro instante de seu ser, fosse corrompida pela morte e pelo túmulo” – podemos destrinchar a proposição em duas sentenças principais, sendo elas:

a. Maria foi “cheia de graça” - Note que a construção do raciocínio amarra a presente frase àquela que a precede. Como mostramos ao comentar o parágrafo anterior, a profecia messiânica do Sl. 16.10 é erroneamente citada, para que através desta manobra o incauto viesse a acreditar que o termo “Justo” (*Hosios* = Santo, livre de iniquidade) poderia ser aplicado a Maria. Caso tivesse sucesso em sua tentativa de engano³⁸, ficaria fácil para o apologista católico levar o leitor a concluir que o termo “cheia de graça” (*Kekaretome* = muito favorecida) realmente signifique “sem pecado” ou “imaculada”. De fato, mais adiante o autor do artigo assim conclui sua mágica de transformar o sentido das palavras: “Essa expressão ‘cheia de graça’, é um vocativo. É como um nome que o anjo deu a ela. A palavra que expressa isso, em grego, é **kekaretome**, palavra que significa ser que **foi desde sempre**, que **é ainda agora**, e que **continua sendo** cheia de graça, isto é Imaculada, sem pecado original” (grifo conforme original)³⁹. Você conseguiu enxergar a transformação aplicada no termo? Se não, citarei novamente apenas o trecho mágico simplificado (agora sem os grifos originais do texto católico, apenas com os meus próprios): “[*Kekaretome* significa] **que foi desde sempre [...] cheia de graça, isto é Imaculada**”. Para o deturpador católico, “cheia de graça = sem pecado”. Usaremos três argumentos para mostrar que tal tese não se sustenta:

i. Começemos pelo português. É fato que muitas vezes temos que recorrer ao idioma original do texto bíblico ao meditar nas Escrituras; todavia isso não significa que o texto em nossa língua vernácula deva ser desprezado. Ao traduzir o texto de Lc 1.28 os responsáveis, respeitados lingüistas, constataram que a expressão “cheia de graça”⁴⁰ era bastante adequada para substituir o termo *kekaretome* (*kekaretome* = participio passado de *charitóo*⁴¹). Para melhor entendermos a expressão em si, precisamos antes conhecer o significado da palavra graça. Segundo uma Enciclopédia católica da web⁴², graça “é o dom de ordem natural ou sobrenatural por Deus concedido”. Corroborando com a definição acima, o próprio Catecismo da Igreja Católica diz que “a graça é favor, o socorro gratuito que Deus nos dá para responder a seu convite: tomar-nos filhos de Deus, filhos adotivos participantes da natureza divina, da Vida Eterna (cf. CIC § 1996)”⁴³. Assim, podemos concluir que **graça é favor**, algo ao qual não tínhamos direito, porém fomos beneficiados por Deus com ela. **Logo, quando o anjo saudou Maria como “cheia de graça”, pretendia ele enfatizar que Deus, em sua infinita sabedoria, escolheu a ela como mãe do Messias. Maria fora “a” eleita para receber este “favor único”**. Outras traduções que condizem com o termo “cheia de graça” são “muito favorecida”⁴⁴, “agraciada”⁴⁵ ou “tu que tens o favor de Deus”⁴⁶. **Nenhum tradutor sério concede ao termo *kekaretome* o sentido de “imaculada” ou algo parecido**. Eles não ousaram deturpar o texto

para adequá-lo aos propósitos pretendidos pela doutrina católica. Quem tem feito tão audaciosa corrupção do termo são os apologistas católicos, que aparentemente se encontram numa tentativa desesperada de provar seus falsos dogmas marianos.

ii. Vamos discorrer agora brevemente pelo grego, o idioma no qual se encontram muitos dos manuscritos do NT. Ali, o verbo *charitoo* (transformado em *kekaretome* devido ao tempo verbal) só existe em duas passagens. Além do relato de Lucas, o da conhecida saudação do anjo a Maria, Paulo também faz uso do mesmo verbo ao escrever aos Efésios: “Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais[...], para louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu *gratuitamente* (*kecaritwmenh*⁴⁷) no Amado [Cristo]” (Ef 1.3,6). Ora, se a expressão “sem pecado” substituindo o termo “gratuitamente” (ou “imerecidamente”) obviamente não se aplica ao texto de Paulo, é bastante razoável crer que ela não possa ser aplicada ao texto de Lucas. Mais uma vez, prova-se que o termo *kekaretome* encontrado em Lucas 1.28 não pode ser interpretado como imaculado, sem pecado ou qualquer outro sinônimo do tipo.

iii. Para jogar a última pá de cal nas pretensões católicas, citemos agora um texto extremamente esclarecedor da Carta aos Hebreus. Diz ele: “Porque nos convinha tal sumo sacerdote [Jesus], santo (*hosios*), inocente (*akakos*), imaculado (*amiantos*), separado dos pecadores (*chorizo apo hamartolos*), e feito mais sublime que os céus” (Hb 7.26). Os termos entre parênteses são sinônimos no original grego. São alguns adjetivos utilizados para indicar a perfeição de Jesus. Ora, se o anjo ou Lucas desejassem indicar tais atributos a Maria, poderiam muito bem ter se valido de um dos termos supra-citados, todos comuns e claros no grego. Só há uma única explicação para o anjo e Lucas não usarem os termos que denotam santidade: eles não eram adequados a Maria, nem era o objetivo deles dar a ela um adjetivo que não lhe condizesse. Além disso, o texto nos leva a crer que só Jesus – e ninguém mais – é digno de tais prerrogativas. Isto posto, convido os católicos a encontrarem qualquer um desses adjetivos atribuindo-os exclusivamente a Maria.

Resumindo os pontos acima, vimos que (i) em português não há compatibilidade entre “cheia de graça” e “imaculada”, (ii) o termo *kekaretome* não pode ser traduzido como “sem pecado” em outro texto bíblico no qual aparece, e por fim (iii) caso o anjo desejassem saldar Maria como “imaculada”, havia uma abundância de termos próprios para Lucas utilizar. Diante do exposto, fica claro ao invés de usar a “tesoura mágica”, o católico faz uso de um “dicionário mágico”, o único onde “cheia de graça = sem pecado”. Todavia, no mundo real tal equivalência não existe. Em sua audácia, o apologista católico conclui: “Portanto, o anjo diz, no Evangelho, que Nossa Senhora foi, é, e sempre será, sem pecado”⁴⁸. Não sei qual o anjo nem qual o evangelista proferiu tal afirmação. Só sei que não foi o anjo Gabriel nem o evangelista Lucas os autores de tamanho disparate. Diante do que foi dito, **se Lucas 1.28 for a base para “provar” a suposta perfeição de Maria, a conclusão é que não há fundamentação escriturística para afirmar que Maria foi sem pecado.**

b. Maria não foi corrompida pela morte e pelo túmulo – Uma vez desmascarada a má interpretação católica a respeito do texto de Lucas 1.28, só lhes resta a falsa aplicação da tese já refutada no “3º parágrafo”. Lá o Salmo 16.10 mostra que o Justo não seria corrompido. Contudo, tanto para Pedro (At 2.25-28) como para Paulo (At 13.32-37), o Justo (*hosios*) é Jesus, não Maria. É Ele, o Santo, quem não foi corrompido pela morte e pelo túmulo. Interpretando corretamente as passagens, simplesmente não há evidências da suposta perfeição de Maria; logo, ela certamente era – embora piedosa – pecadora. Como tal, ela aguarda a ressurreição na segunda vinda de Cristo (1Co 15.22,23,53,54). Diante do exposto, afirmamos que **não há fundamentação escriturística capaz de sustentar que Maria não foi corrompida pela morte e pelo túmulo.**

D. Além da morte, outra evidência de que Maria era pecadora semelhante a nós está em sua própria oração, onde ela reconhece ser Cristo seu Salvador: “Então, disse Maria: A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegrou em Deus, meu Salvador” (Lc 1.46-47). Ora, quando a Igreja Católica afirma que Maria não teve pecado, a conclusão inescapável (no universo da coerência) é que Jesus não pagou por nenhum pecado dela! Se falarem que Jesus pagou apenas pelo pecado original, e pela ausência do pecado original ela não pecou de nenhuma outra forma, ainda assim o problema lógico persiste, pois neste caso ele teria pago por um pecado inexistente (o pecado original não se consumou), o que é um absurdo. Para melhor expor o problema encontrado na lógica católica, citemos um novo trecho encontrado no site da Montfort:

“Maria foi também Ela salva por Cristo, Redentor de todos os seres humanos. O que não quer dizer que Maria teve pecado original, mas que, tendo em vista os futuros méritos de Cristo, ele foi preservada por Deus do pecado original”⁴⁹.

Na passagem citada, o apologista católico basicamente disse que:

- i. Maria foi salva por Cristo (afirmação verdadeira);
- ii. Cristo é redentor de todos os seres humanos (afirmação verdadeira);

iii. Maria não teve pecado original, pois foi preservada por Deus pelos méritos futuros de Cristo (proposição católica);

Alguns problemas encontrados na argumentação são:

- A proposição iii contraria Rm 3.23: “pois todos pecaram e carecem da glória de Deus”

- A proposição i e iii são contraditórias: Se não há pecado consumado (iii), não há necessidade de remissão (i). Citemos alguns exemplos que endossam esta última afirmação:

Ex. 1: Adão e Eva não precisaram de um salvador enquanto não haviam pecado. O animal que foi morto para cobrir-lhes a nudez (tipificando Jesus) só foi necessário após a desobediência;

Ex. 2: Nos ritos de purificação descritos no AT (por exemplo, Lv 4.1,2), o cordeiro era morto (tipificando Jesus) para expiar (cobrir) o pecado do transgressor⁵⁰.

Com base no exposto, parece claro que o fato de Maria reconhecer a necessidade de um Salvador (Lc 1-46-47) implica necessariamente no reconhecimento de seu(s) pecado(s).

Isto posto, retomemos então a citação da parte que nos interessa do dogma: “a Santíssima Virgem Maria, no primeiro instante de sua concepção, foi por singular graça e privilégio de Deus onipotente em previsão dos méritos de Cristo Jesus, Salvador do gênero humano, preservada imune de toda mancha de culpa original”. Perdoem-me a ignorância (ou petulância, como preferir), mas para ser sensato e não “retirar o Salvador” de Maria, vejo apenas duas alternativas para o católico:

i. Ou sustenta-se o dogma tal qual está escrito (nascimento sem pecado), porém abandona-se a tese da vida imaculada (sem pecados ao longo da vida)⁵¹

ii. Ou

muda-se o dogma para algo do tipo “tão logo Maria nasceu, tão logo o pecado original lhe foi removido”⁵² (neste caso, um pecado consumado teria sido imediatamente removido pelos méritos futuros de Cristo, salvaguardando a coerência lógica do texto. O que não faz sentido é um Redentor quando não houve delito)

Seria sacrilégio exigir pelo menos coerência lógica na redação do dogma? Notem que minhas opções se baseiam nas palavras proferidas por Maria. Para ter Salvador (Redentor), é condição *Sine qua non* a existência de pecado, e só através de uma das opções acima é que consigo visualizar a necessidade de Salvador confessada por ela.

Como um dogma é imutável⁵³, a proposta ii é, por definição, simplesmente descartada pela própria tradição da ICAR. Resta apenas a primeira. Todavia, ela também está descartada, pois a igreja tem ensinado (tradição) que Maria viveu sem pecado. Só resta ao católico viver com a (con)tradição que ele se submeteu acatar.

E. A doutrina da impecabilidade de Maria contradiz a doutrina do Novo Testamento sobre o pecado, pois leva a concluir que foi possível a ela se salvar por ter cumprido a Lei, tornando assim desnecessário o papel de Cristo como seu Salvador. Expliquemos melhor o raciocínio: Se Maria não teve pecado, ela cumpriu integralmente a Lei de Deus, certo (irmão e) opositor católico? Se assim o for, ela foi justificada pela lei, certo? Segundo vossa doutrina, a resposta às duas questões tem que ser “sim”. Ao invés de chamar papas e bispos em meu favor, recorro a Paulo para apontar vossa falácia. Assim diz o Apóstolo: “visto que **ninguém será justificado diante dele por obras da lei**, em razão de que pela lei vem o pleno conhecimento do pecado” (Rm 3.20). Para Paulo, ninguém se justifica por obras da lei, pois a lei não salva, apenas revela o pecado (Rm 7.7). Semelhantemente, o autor de Hebreus diz: “a Lei é totalmente incapaz [...] de levar à perfeição aqueles que se aproximam de Deus” (trecho de Hb 10.1 – Bíblia de Jerusalém). Sabe por que ninguém se justifica pela lei? Por uma razão muito simples: ninguém pode cumpri-la! Paulo diz que todos estão debaixo do pecado (Rm 3.9), o qual se torna manifesto pela lei (Rm 3.20). Em função de nossa incapacidade de cumpri-la, foi necessário que Jesus viesse em resgate daqueles que Nele cressem (Rm 3.22; Gl 2.16). Diante do exposto, vê-se que a doutrina católica acaba por conceder a Maria o status de auto-salvadora – de forma velada e não explícita –, pois se ela fosse capaz de cumprir toda a Lei Jesus não precisaria tê-la redimido (Lc 5.31-32).

F. Ainda que Maria não carregasse o pecado de Adão e Eva (proposição católica), ainda assim ela estaria sujeita a cair também em pecado, a exemplo do ocorrido com o primeiro casal. Ora, se eles no paraíso – onde não havia ainda pecado – desobedeceram a Deus, muito mais difícil era a tarefa de Maria em se conservar pura em um mundo já corrompido pelo pecado. É verdade que Jesus também foi inserido em um mundo corrompido, porém o diferencial dele estava justamente em sua divindade. Cristo não pecou por ser humano, mas por sua singularidade em ser humano e ao mesmo tempo divino. Como mesmo para o católico Maria [ainda] não é divina, segue que a simples humanidade a torna incapaz de obedecer integralmente a Deus, assim como foram incapazes de fazê-lo os primeiros pais.

G. Dentro da lei judaica, toda a mulher após o parto era considerada imunda (maculada). Que o texto fale por si:

“Disse mais o SENHOR a Moisés: Fala aos filhos de Israel: **Se uma mulher conceber e tiver um menino, será imunda sete dias**; como nos dias da sua menstruação, será imunda. E, no oitavo dia, se circuncidará ao menino a carne do seu prepúcio. Depois, ficará ela trinta e três dias a purificar-se do seu sangue; nenhuma coisa santa tocará, nem entrará no santuário até que se cumpram os dias da sua purificação. Mas, se tiver uma menina, será imunda duas semanas, como na sua menstruação; depois, ficará sessenta e seis dias a purificar-se do seu sangue. E, cumpridos os dias da sua purificação por filho ou filha, **trará ao sacerdote um cordeiro de um ano**, por holocausto, **e um pombinho ou uma rola, por oferta pelo pecado**, à porta da tenda da congregação; o sacerdote o oferecerá perante o SENHOR e, pela mulher, fará expiação; e ela será purificada do fluxo do seu sangue; esta é a lei da que der à luz menino ou menina. Mas, **se as suas posses não lhe permitirem trazer um cordeiro, tomará, então, duas rolas ou dois pombinhos, um para o holocausto e o outro para a oferta pelo pecado**; assim, o sacerdote fará expiação pela mulher, e será limpa” (Lv 12.1-8 - Ênfase adicionada).

À luz do texto acima, o evangelista Lucas relata: “Completados oito dias para ser circuncidado o menino, deram-lhe o nome de JESUS, como lhe chamara o anjo, antes de ser concebido. Passados os dias da purificação deles segundo a Lei de Moisés, levaram-no a Jerusalém para o apresentarem ao Senhor, conforme o que está escrito na Lei do Senhor: Todo primogênito ao Senhor será consagrado; e para oferecer um sacrifício, segundo o que está escrito na referida Lei: Um par de rolas ou dois pombinhos” (Lc 2.22-24). Como José e Maria eram pobres, a oferta pelo pecado da mãe e o holocausto foram de duas rolas ou dois pombinhos. A Bíblia de Jerusalém assim comenta o versículo: “A purificação era imposta só a mãe; mas a criança devia ser resgatada. Lc nota cuidadosamente que os pais de Jesus, como os de João [Batista], cumpriam todas as prescrições da lei”. Parece bastante claro que a necessidade de purificação da mãe através da “oferta pelo pecado” invalida qualquer crença na impecabilidade de Maria. Diante do argumento acima, assim o apologista católico tenta escapar dele quanto confrontado com o mesmo texto: “pelo seu raciocínio [do opositor do artigo], então Cristo também teria pecado original, pois foi batizado no Jordão, e sabemos que o batismo serve para pagar o pecado original. [...] você não vê que seria absurdo Nossa Senhora se recusar a fazer as ofertas (o que era seu direito) na sociedade ritualística judaica, sem causar um escândalo?”⁵⁴. Como de costume, destrincharemos o argumento católico⁵⁵:

- i. Cristo, mesmo sem pecado (*fato* – Hb 4.15; 1Pd 2.21,22), cumpriu um rito de purificação de pecado, o batismo;
- ii. Maria, mesmo sem pecado (*inferência católica*), cumpriu um rito de purificação de pecado, a oferta;
- iii. Logo, o relato de Lucas sobre a oferta pelo pecado não é uma oferta pelo pecado (conclusão implícita);
- iv. É uma formalidade para evitar um escândalo na sociedade judaica (conclusão explícita).

Comentemos agora cada um dos argumentos:

i. Como todo sofisma que se preze, este também dispõe de pelo menos uma sentença verdadeira para servir de base às falsas. A primeira desempenha este papel. Todavia, duas ressalvas devem ser feitas. Primeiro, a Bíblia em várias passagens deixa implícito que Cristo não teve nenhum pecado, algo que é explicitamente reforçado por Hb 4.15 e por 1Pd 2.21,22. Segundo, A Bíblia deixa explícito que Jesus não necessitava do batismo de arrependimento de João (Mt 3.11-15), e esclarece que Jesus o fez para “cumprir toda a justiça” (v.15). Tudo é claro. Tudo explícito.

ii. Diferente da sentença i, a afirmação de que Maria não teve pecado não encontra amparo nem explícito nem implícito nas Escrituras (já abordamos esta questão nas refutações anteriores do presente dogma). O que temos claro é que todos pecaram (Rm 3.23; 5.12), donde se infere a inclusão de Maria, uma vez que não há passagem que a exclua do grupo “todos”. Seguindo na argumentação, o ponto ii tenta equiparar o rito de purificação imposto às mulheres judias ao batismo. Apesar de ambos serem ritos de purificação, as Escrituras deixam claro que o Batismo de Jesus visava cumprir uma formalidade (Mt. 3.15)⁵⁶, algo que não ocorre na citação do rito de purificação de Maria. Assim, podemos dizer que as sentenças i e ii apresentam as seguintes diferenças: **a Bíblia explicitamente cita que Jesus foi sem pecado e seu batismo era uma “formalidade”, porém não faz nenhuma das duas observações quanto a Maria. No melhor dos casos podemos dizer que a proposição católica é infundada. No pior, que é falaciosa.**

Uma outra razão que invalida a comparação entre o batismo de Jesus e a oferta pelo pecado de Maria é, ao meu ver, a natureza distinta entre os pecados. *O batismo de arrependimento tem origem comportamental*, ao passo que *a oferta pelo pecado é de origem natural*. Tentarei explicar melhor. João chama ao batismo aqueles que se reconhecem pecadores, conclamando o povo a uma *mudança de comportamento* (Lc 3.10-14). Jesus não se inclui entre tais, porém deixa-se ser batizado para cumprir toda a justiça. Já no caso de Maria, o texto de Lv 12.1-8 deixa claro que o pecado era intrínseco ao processo da concepção, tendo uma *origem natural*. O ato de conceber, em todo Israel, era considerado impuro e digno de reparação, a qual era feita pela oferta pelo pecado. Independente de quão piedosa ou ímpia fosse aquela que conceberia, a concepção em si tornava a mulher impura (pecadora). Provavelmente sem se aperceber, notem que a

argumentação do apologista católico busca responder a questão da oferta, porém a questão primária não é a oferta em si, mas sim o pecado, o qual é inerente ao processo da concepção. Por mais que justifique o porque da oferta (vide o ponto iv a seguir), permanece em aberto a questão sobre como Maria teria escapado deste pecado natural relatado pela lei de Moisés. Aguardo ansioso por uma resposta de meu (irmão e) opositor.

iii. Embasada pela falsa premissa ii, a conclusão que se extrai só pode ser falsa. Pior que isso, ela é ilógica e absurda, pois leva a concluir que a oferta pelo pecado não é oferta pelo pecado.

iv. Uma vez que o apologista católico insiste em afirmar que Maria não tinha pecado, contrariando tanto à lei quanto ao autor do evangelho (por estas e outras é que a igreja católica por muito tempo escondeu a Bíblia dos fiéis...), a explicação para a oferta pelo pecado pode ser qualquer uma. O distanciamento do fato deixa a imaginação livre para criar qualquer conclusão que agrada, desde que ela tenha um mínimo de coerência. Todavia, independente de a conclusão ser coerente ou não, o fato é que ela perde o compromisso com a verdade.

Caso o católico ainda insista em crer que Maria, após o parto, apresentou uma purificação pelo pecado que não é purificação pelo pecado, deixo ainda outro dilema semelhante a responder: O texto de Lv. 15.19-30 fala sobre o ritual de purificação da mulher, o qual é exigido após seu ciclo menstrual. Semelhante ao rito exigido no nascimento do filho, a mulher devia apresentar uma oferta pelo pecado após cessar seu fluxo. Veja a parte final do texto: “No oitavo dia pegará duas rolinhas ou dois pombinhos e os levará ao sacerdote, à entrada da Tenda do Encontro. O sacerdote sacrificará um **como oferta pelo pecado** e o outro como holocausto, e assim fará propiciação em favor dela, perante o SENHOR, devido à impureza do seu fluxo” (Lv 15.29-30). Mais uma vez Levítico ressalta a impureza da mulher. Mais uma vez o católico precisará fazer malabarismo para explicar como este “pecado mensal” não será aplicado a Maria...

Sinceramente, não vejo como a ICAR pode sustentar a crença na “impecabilidade” de Maria diante dos textos de Levítico. Aliás, até vejo – basta proceder como os fariseus, que invalidavam a Palavra de Deus e por isso foram assim advertidos: “E disse-lhes [Jesus] ainda: Jeitosamente rejeitais o preceito de Deus para guardardes a vossa própria tradição. Pois Moisés disse: Honra a teu pai e a tua mãe; e: Quem maldisser a seu pai ou a sua mãe seja punido de morte. Vós, porém, dizeis: Se um homem disser a seu pai ou a sua mãe: Aquilo que poderias aproveitar de mim é Corbã, isto é, oferta para o Senhor, então, o dispensais de fazer qualquer coisa em favor de seu pai ou de sua mãe, invalidando a palavra de Deus pela vossa própria tradição, que vós mesmos transmitistes; e fazeis muitas outras coisas semelhantes” (Mc 7.9-13). A exemplo do ocorrido com os fariseus, não vejo como o católico poderá sustentar ainda sua crença na “vida imaculada de Maria” sem invalidar a palavra de Deus.

H. Segundo o texto de Isaías 7.14, a grande maravilha do nascimento de Jesus estava no fato de uma virgem dar a luz. Diz o profeta: “Portanto, o Senhor mesmo vos dará um sinal: eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e lhe chamará Emanuel”. No texto, vemos claramente que a Bem-aventurada que carregaria Jesus era sim uma serva valorosa de Deus, a altura de servos como Jó (íntegro e reto – Jó 1.1), Moisés (formoso aos olhos de Deus – At 7.20), Davi (homem segundo o coração de Deus – At 13.22), Débora (valente juíza e “mãe de Israel” – Jz 5.7), e tantos outros, possuindo virtudes semelhantes às deles. Dentre as virtudes de Maria (não especificadas nominalmente pelo texto), tinha ela sua virgindade preservada. Tanto é que no texto de Isaías a principal graça da mulher seria a virgindade em si. Qualquer alusão a uma suposta “santa concepção” desta agraciada é uma inferência muito maior que o texto diz. Desnecessário é dizer que o Novo Testamento confirma o estado virginal de Maria (Lc 1.27), bem como ali o anjo Gabriel a saúda com as seguintes palavras: “Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!” (Lc 1.28). O termo “cheia de graça” tem sido bastante debatido entre protestantes e católicos, porém já foi por nós avaliado na explanação do “Dogma 20, tópico B, 4º parágrafo”. Afora a consideração citada, vejamos agora o significado dado ao termo segundo a Bíblia de Jerusalém, explicação esta encontrada na nota de Lc 1.28. Ali somos informados que, literalmente, “cheia de graça” significa “tu que foste e permanece repleta do favor divino”. Interessante é notar que, após a saudação, o texto diz sobre Maria: “Ela ficou intrigada com essa palavra e pôs-se a pensar qual seria o significado da saudação” (Lc 1.29 – Bíblia de Jerusalém). Mesmo relutante, atrevo-me a expor minha despreziosa interpretação sobre o trecho:

- Maria é virgem, confirmando a profecia de Isaías;
- É saudada como alguém que foi e permanece repleta do favor divino; (note que “repleta do favor divino” é diferente e está bem aquém de “sem pecado”);
- Ela não vê em si mesma nenhum mérito que a dignificasse a tão agraciada saudação, e é provável que não se julgasse digna nem mesmo da visita inesperada do anjo Gabriel.

Vê-se na passagem a humildade da mãe do Messias. De quebra, constata-se também que não havia nada antecipadamente especial nela (leia-se aqui a ausência de pecado apregoada pelos católicos) que lhe permitisse associar sua vida supostamente isenta de pecado àquele nobre momento. **Se** o católico usa este ou outro texto para dignificar Maria além daquilo que as passagens permitem, correm o risco de não

escutarem a advertência de Paulo, que disse aos Gálatas: “Mas, ainda que nós ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema. Assim, como já dissemos, e agora repito, se alguém vos prega evangelho que vá além daquele que recebestes, seja anátema” (Gl 1.8-9). Simplificando: tanto a profecia quanto o evangelho dizem que a mulher seria virgem. Já a ICAR diz que ela era virgem e sem pecado. Como afirmar que Maria era sem pecado é outro evangelho (nem as cartas de Paulo nem outro texto coerentemente interpretado permitem dizer que ela viveu sem pecado – vide pontos anteriores), o dogma da “Imaculada Conceição de Maria” deve ser anátema.

I. Como bem lembram os católicos, de fato Maria ouviu o anjo dizer-lhe: “Alegra-te, muito favorecida! O Senhor é contigo” (Lc 1.28a). Grandessíssimo privilégio o dela. Todavia, as Escrituras mostram que a exaltação a Maria não deveria ir muito além do justo reconhecimento de sua virtude enquanto virgem e temente a Deus. É por isso que o texto de Lc 11.27-28 diz: “Ora, aconteceu que, ao dizer Jesus estas palavras, uma mulher, que estava entre a multidão, exclamou e disse-lhe: Bem-aventurada aquela que te concebeu, e os seios que te amamentaram! Ele, porém, respondeu: Antes, bem-aventurados são os que ouvem a palavra de Deus e a guardam!”. Para Jesus, virtude maior que tê-lo concebido e amamentado era a obediência a Deus. Para ele, permitam-me a paráfrase: “Mais virtude há em obedecer ao Pai do que em ser sua mãe”. Ninguém nega a virtude da mãe de Jesus, porém muito mais virtude há em obedecer ao Pai. Com isso, desejo mostrar que a tentativa católica em super-exaltar Maria, concedendo-lhe uma suposta vida imaculada, nada agrega à fé cristã. O próprio Cristo repreendeu uma tentativa inferior a essa.

CONCLUSÃO DO DOGMA 20

Diante do que foi dito, parece que aquilo que chamei de “super-exaltação” de Maria está além do que a Bíblia revela. Para o católico, ir além da Bíblia não é problema, pois a Tradição a ela se iguala (ou suplanta?). Uma vez que a tradição estabeleceu o dogma, ele “deve ser firme e constantemente acreditado por todos os fiéis”. Ainda que nós, protestantes, fizéssemos concessões e eventualmente aceitássemos o dogma quanto a coisas não reveladas nas Escrituras, **seria sensato sustentar qualquer dogma quando ele explicitamente se opõe à Palavra de Deus?** Nas linhas acima mostramos que é isso que ocorre quanto ao dogma da “Imaculada Conceição de Maria”, pois:

- A Bíblia diz que, exceto Jesus, todos pecaram. A ICAR diz que todos menos (Jesus e) Maria.
- A Bíblia diz que a ressurreição ainda não se realizou, só a de Cristo. A ICAR diz que Maria foi glorificada, contrariando o ensino de Paulo sobre a ressurreição.
- A Bíblia diz que o salário do pecado é a morte. A ICAR é incoerente ao dizer que Maria morreu mesmo sem ter pecado.
- Na Bíblia a própria Maria reconhece a necessidade de um Salvador. O dogma da ICAR lhe tira este salvador ao inocentá-la de qualquer pecado CONSUMADO.
- A Bíblia diz que ninguém se justifica pela Lei. A ICAR diz que Maria conseguiu cumpri-la integralmente. Novamente a ICAR torna desnecessário para Maria sequer a crença no Salvador (Cristo não precisaria justificá-la diante de Deus), pois ela teria se salvado por méritos próprios.
- A Bíblia mostra que, mesmo no paraíso, a natureza humana se corrompeu. A ICAR diz que, em um mundo muito aquém do paraíso, a natureza puramente humana é capaz de não se corromper.
- A Bíblia diz que a Palavra de Deus não deve ser invalidada pela tradição. A ICAR explicitamente invalida Levítico 12.1-7 e Levítico 15.19-30 em prol da tradição.
- A Bíblia profetiza que uma virgem conceberia. A ICAR prega outro evangelho ao dizer que além de virgem Maria foi concebida e viveu sem pecado, ao que Paulo nos exorta a considerar tal crença anátema.
- A Bíblia diz que a virtude do cristão está em obedecer ao Pai. A ICAR se apega em exaltar a mãe.

Diante das evidências, ousar afirmar que o Dogma da Imaculada Conceição não passa de doutrina de homens, opondo-se à Palavra de Deus e ao Deus da Palavra. Bem reconhece o católico que “a Tradição e a Bíblia devem se harmonizar perfeitamente, pois têm ambas a Deus como autor”⁵⁷. Ora, com esta afirmação o próprio apologista católico se condena, pois acabamos de mostrar a falta de harmonia entre a tradição da ICAR e a Bíblia. Assim, se a Bíblia tem Deus como autor (afirmação de anuência católica) e a tradição não se harmoniza a ela (afirmação sustentada pelos parágrafos acima), conclui-se que a tradição não pode ter Deus como autor.

Acho oportuno falarmos um pouco sobre a tradição. Diz acertadamente o Apologista católico: “São Paulo mandou ‘Guardai as tradições que aprendestes, ou por nossas palavras, ou por nossa carta’ (II Thess. II, 14). Portanto, havia uma tradição boa que não era a que Cristo condenara”⁵⁸. Concordo com meus (irmãos e) opositores quanto à afirmação de que **existe a boa e a má tradição**. Resta ensinar o fiel como diferenciá-las. Permitam-me citar três passagens que nos ensinam a reconhecer a boa tradição:

1 Co 11.2: “De fato, eu vos louvo porque, em tudo, vos lembrais de mim e **retendes as tradições** assim como vo-las entreguei.”

2 Ts 2.15: “Assim, pois, irmãos, permaneçei firmes e **guardai as tradições** que vos foram ensinadas, seja por palavra, seja por epístola nossa.”

2 Ts 3.6: “Nós vos ordenamos, irmãos, em nome do Senhor Jesus Cristo, que vos aparteis de todo irmão que ande desordenadamente e não **segundo a tradição que de nós recebestes;**”

No primeiro texto a igreja é ensinada a permanecer na tradição ensinada por Paulo. No segundo, a igreja é ensinada a permanecer na tradição ensinada por Paulo (e provavelmente por outros apóstolos, conforme dá a entender o termo “epístola nossa”). No terceiro, o apóstolo manda que a igreja se afaste daqueles que se apartam da tradição apostólica. Diante dos textos, postulemos: “A boa tradição é aquela que está de acordo com a doutrina dos Apóstolos”. Para evitar distorções, é bom restringir um pouco mais o postulado acima, apresentando-o da seguinte maneira: “A boa tradição é aquela claramente revelada por Cristo e pelos apóstolos no primeiro século”. Veja que os textos citados condizem com a definição. Isso posto, destaco que **a boa tradição é aquela que permanece nos ensinamentos dos apóstolos, e não aquela que acrescenta algo aos ensinamentos deixados por eles.**

Mostremos agora que católico se aproxima da definição correta, porém, como de praxe, sutilmente insere um sofisma na afirmação: “A Tradição que a Igreja sustenta não é outra senão o conjunto de ensinamentos transmitidos diretamente por Cristo aos Apóstolos, e destes aos seus discípulos, seus legítimos sucessores – seus verdadeiros pastores”⁵⁹. O grifo adicionado aponta a deixa para a falácia. Os apóstolos deixaram a tradição para seus discípulos? É evidente que sim. Estes discípulos a deixaram para os sucessores? Muito possivelmente. Assim, qualquer auto-intitulado “verdadeiro pastor” é depositário da verdade? Mui provavelmente não, pois qualquer ensinamento é passível de deturpação. Então, **como é possível saber se a tradição é verdadeira? Basta confrontá-la com o testemunho escrito dos apóstolos, a saber, com o Novo Testamento.** Se a tradição não se opõe aos escritos dos apóstolos, pode ser que seja verdadeira. Se se opõe, certamente é falsa. Conforme mostramos acima, a tradição da ICAR em muito se opõe ao Novo Testamento. Logo, ela não vem dos apóstolos. Se não vem dos apóstolos, é outro evangelho. Se é outro evangelho, deve ser anátema.

DOGMA 22- A Assunção de Maria

O Papa Pio XII, na Bula "Munificentissimus Deus", de 1º de Novembro de 1950, proclamou solenemente o dogma da assunção de Maria ao céu:

"Pronunciamos, declaramos e definimos ser dogma divinamente revelado que a Imaculada Mãe de Deus, sempre Virgem Maria, cumprindo o curso de sua vida terrena, foi assumpta em corpo e alma à gloria celeste" (Dz. 2333).

Refutação do dogma

Acho que o católico concordará que o dogma da assunção de Maria depende do Dogma 20, o da Imaculada Conceição. Não faz sentido crer que ela foi assumta aos céus caso não se prove que ela teve uma concepção imaculada. Na bula *Munificentissimus Deus* o Papa Pio XII reconhece tal ligação ao pronunciar que “de fato esses dois dogmas [Imaculada Conceição e Assunção] estão estreitamente conexos entre si”⁶⁰. Por questão de coerência, antes de justificar o presente dogma faz-se necessário que o católico prove a veracidade do dogma 20. Caso ele tenha sucesso (não acho que será possível sem o uso de sofismas), ainda assim há novas barreiras a transpor. Eis-las:

A. Ao que parece, o peso da doutrina da Assunção de Maria repousa na tradição. Como a crítica à tradição será feita no Tópico “B”, aqui discorreremos apenas sobre o “Fundamento escriturístico” usado pela bula *Munificentissimus Deus*, o qual, em tese, “complementa” a tradição. Antes de refutar a base escriturística usada pelo papa na Bula, permitam-me antes transcrevê-la. Assim diz o texto:

“38. Todos esses argumentos e razões dos santos Padres e teólogos apóiam-se, em último fundamento, na Sagrada Escritura. {i} Esta nos apresenta a Mãe de Deus extremamente unida ao seu Filho, e sempre participante da sua sorte. Pelo que {ii} parece quase que impossível contemplar aquela que concebeu, deu à luz, alimentou com o seu leite, a Cristo, e o teve nos braços e apertou contra o peito, estivesse agora, depois da vida terrestre, separada dele, se não quanto à alma, ao menos quanto ao corpo. {iii} O nosso Redentor é também filho de Maria; e como observador perfeitíssimo da lei divina não podia deixar de honrar a sua Mãe amantíssima logo depois do Eterno Pai. {iv} E podendo ele adorná-la com tamanha honra, preservando-a da corrupção do sepulcro, deve crer-se que realmente o fez.

39. E convém sobretudo ter em vista que, já a partir do século II, {v} os santos Padres apresentam a virgem Maria como nova Eva, sujeita sim, mas intimamente unida ao novo Adão na luta contra o inimigo infernal. {vi} E essa luta, como já se indicava no Protoevangelho, acabaria com a vitória completa sobre o pecado e

sobre a morte, que sempre se encontram unidas nos escritos do apóstolo das gentes (cf. Rm 5; 6; 1Cor 15,21-26; 54-57). {vii} Assim como a ressurreição gloriosa de Cristo constituiu parte essencial e último troféu desta vitória, assim também a vitória de Maria santíssima, comum com a do seu Filho, devia terminar pela glorificação do seu corpo virginal. Pois, como diz ainda o apóstolo, "quando... este corpo mortal se revestir da imortalidade, então se cumprirá o que está escrito: a morte foi absorvida na vitória" (1Cor 15,14).

40. {viii} Deste modo, a augustíssima Mãe de Deus, associada a Jesus Cristo de modo insondável desde toda a eternidade 'com um único decreto' (30) de predestinação, {ix} imaculada na sua concepção, sempre virgem, na sua maternidade divina, generosa companheira do divino Redentor que {x} obteve triunfo completo sobre o pecado e suas conseqüências, {xi} alcançou por fim, como suprema coroa dos seus privilégios, que fosse preservada da corrupção do sepulcro, e que, {xii} à semelhança do seu divino Filho, vencida a morte, fosse levada em corpo e alma ao céu, {xiii} onde refulge como Rainha à direita do seu Filho, Rei imortal dos séculos (cf. 1Tm 1,17).⁶¹ (Grifo e numeração entre chaves adicionada)

Simplificando a citação, creio não estar sendo leviano ao reescrevê-la, para fins didáticos, da maneira abaixo apresentada. Vejamos o quanto a doutrina católica realmente "apóia-se [...] na Sagrada Escritura":

i. As Escrituras mostram Maria "extremamente unida" ao seu filho – Antes de comentar este primeiro trecho do argumento pseudo-escriturístico, gostaria de perguntar se após ler o texto da Bula o leitor imagina, como eu imaginei, que Maria foi uma companheira inseparável de Jesus ao longo do ministério, sempre ao seu lado e dos discípulos. Para mim, o texto tenta fazer-nos acreditar que Maria teria presenciado, por exemplo, a maioria dos (senão todos os) milagres de Jesus. Independente de o leitor ter tido uma impressão semelhante à minha, o fato é que, pelas Escrituras, Maria não era tão presente assim em seu ministério. Listemos algumas ocasiões em que ela claramente não estava ao lado dele:

- Quando, na infância, ele ficou 3 dias "perdido" dos pais (Lc 2.43-46);
- Quando, no início do ministério, ele ficou só durante 40 dias e foi tentado pelo diabo no deserto (Lc 4.1);
- Quando, após escolher os discípulos, voltou para sua casa e foi cercado por uma multidão, tendo sua mãe e seus irmãos chegado apenas posteriormente (Mc 3.20-31);
- Quando, ao comentar sobre as mulheres que o acompanhavam, o nome de Maria é curiosamente omitido (Lc 8.1-3). A própria omissão leva-nos a inferir que Maria não o acompanhava.
- Quando, na transfiguração, foi acompanhado apenas de Pedro, João e Tiago (Lc 9.28-30).
- Quando, no domingo de Ramos, entrou em Jerusalém e depois saiu da cidade rumo a Betânia seguido apenas pelos doze (Mc 11.1,11);
- Quando ministrou a última ceia exclusivamente aos 12 discípulos (Mt 26.20);
- Quando, no Getsêmani, foi acompanhado apenas de Pedro, Tiago e João (Mc 14.32-33);
- Quando, na ressurreição, apareceu primeiro a Maria Madalena (Mc 16.9).

Citei apenas estes poucos textos para mostrar que a expressão "extremamente unida" não significa tão unida assim. A Bíblia nem fala nem dá a entender que Jesus e Maria eram inseparáveis. Meu (irmão e) opositor pode argumentar que a expressão "extremamente unida" não significa "corporalmente próxima", pois pode se referir a uma "união espiritual", de propósito, etc. Tal justificativa até seria aceitável em outro contexto, porém não aqui, pois o objetivo do "fundamento escriturístico" da Bula é justamente justificar a união corpórea nos céus baseado na união corpórea na terra. Como Jesus não era inseparável de Maria na terra, tão pouco se faz necessário que o seja nos céus. Ademais, na refutação do *Dogma 21, Tópico B, sub-tópico iii*, mostramos que "Maria não tem mais o papel de 'Mãe de Deus' nos céus, mas sim de Serva", pois as escrituras nos dão a entender que os vínculos familiares terrenos não se estendem às esferas espirituais.

ii. Por isso é quase impossível imaginá-la longe dele depois da morte – O presente tópico demonstra que a intenção do tópico anterior era de fato alegar união corpórea. Ora, acabamos de mostrar que Maria não ficava tão "corporalmente" próxima a Jesus enquanto ele estava entre nós. Tampouco teria que ficar nos céus. Até aqui a teologia católica não apresentou base escriturística alguma para o argumento que pretende sustentar.

iii. Pela "lei divina", Jesus não pode deixar de honrar a sua Mãe; só a obediência ao Pai (Deus) é maior – finalmente temos um argumento escriturístico. A bula *Munificentissimus Deus* cita implicitamente Êxodo 20.12 para mostrar que Jesus tinha que honrar seu pai e sua mãe. Perdoem-me o trocadinho, mas infelizmente o papa foi infeliz com esta infeliz citação, pois como argumentamos no *Dogma 21, Tópico B, sub-tópico iii*, não há vínculos terrenos na esfera celeste (vide Lc 8.19-21; Lc 20.27-36; Lc 20.41-44). Ademais, se voltarmos ao texto de Ex 20.12, veremos quão falacioso é seu uso na argumentação da bula *Munificentissimus Deus*. O mandamento de Moisés sobre honrar pai e mãe não pode ser usado em defesa da ressurreição de Maria, pois causa problema ao próprio católico. Isso porque se Jesus realizou a ressurreição corpórea de Maria porque "como observador perfeito da lei divina não podia deixar de honrar a sua Mãe amantíssima", ele teria que ter ressuscitado seu pai José⁶² para honrá-lo também, algo

estranho até para a estranha doutrina católica. Até aqui, vemos que o único argumento escriturístico implicitamente citado mais cria que resolve problemas para os romanistas...

iv. Se Cristo, podia livrá-la do sepulcro, “deve crer-se que realmente o fez” – permitam-me levantar algumas perguntas semelhantes antes de responder à presente:

- Deus podia ter livrado Enoque do sepulcro? Sim, e o fez (Gn 5.24)
- Deus podia ter livrado Abraão, “Amigo de Deus” (Tg 2.23), do sepulcro? Sim, mas não o fez (Gn 25.8)
- Deus podia ter livrado Moisés, a quem falava “face a face” (Ex 33.11), do sepulcro? Sim, mas não o fez (Dt 34.5)
- Deus podia ter livrado Davi, homem segundo seu coração (At 13.22), do sepulcro? Sim, mas não o fez (1Re 2.10)
- Deus podia ter livrado Elias do sepulcro? Sim, e o fez (2Re 2.11)

Os textos acima mostram que Deus pode sim livrar do sepulcro, como fez com Enoque e Elias. Mostram também que pessoas preciosas aos seus olhos tiveram que enfrentar a morte e a sepultura. A princípio, parece não haver uma “regra” que define quem Deus livra ou deixa de livrar da sepultura. Ele é livre para agir conforme sua boa vontade. Diante dos textos acima podemos elaborar, por simples comparação, uma definição um tanto quanto simplista: Deus pode livrar um servo seu da morte e da sepultura, porém raramente o faz. Tão raro é o evento que só há na Bíblia o relato da ascensão de Enoque, de Elias e do próprio Cristo. De tão raro que é um evento de ascensão, Deus, em sua graça, deu a sua igreja o privilégio de conhecê-los ao impelir os escritores bíblicos a relatá-los em sua Palavra, na Bíblia Sagrada. Por que o Espírito Santo não teria inspirado os contemporâneos de Maria a também registrar tão magnífico evento caso tivesse ocorrido? Aguardo a resposta católica. De minha parte, as evidências sugerem que de tão magníficos que foram, Deus relatou na Bíblia todos os casos de ascensão ocorridos na história do mundo. Como não há evidência bíblica da ascensão de Maria, decerto ela não ocorreu. Qualquer afirmação diferente é outro evangelho, e por isso deve ser considerada anátema. Ao contrário do que diz o título “fundamento escriturístico”, o único fato concreto até agora encontrado é a falta de evidência escriturística da ascensão de Maria ao longo do parágrafo 38 da bula *Munificentissimus Deus*.

v. Os santos padres do séc II apresentam Maria como a nova Eva, unida ao novo Adão na luta contra o diabo – em oposição aos chamados “padres do séc II”, chamemos os principais teólogos do séc I, os apóstolos Pedro, Tiago, João e ainda Paulo. Qual deles comparou Maria a Eva? Nenhum! Qual apóstolo via Maria como a “nova Eva”? Nenhum! Qual apóstolo afirmou que Maria era sem pecado? Nenhum! Assim, entre os “santos padres” do séc II ao XXI ou os apóstolos do séc I, fico com os contemporâneos de Cristo supracitados. Na verdade, Eva só é citada nominalmente 2 vezes no NT. Em uma, Paulo alerta à Igreja de Corinto sobre o perigo de ser enganada pelo diabo caso se afastasse da pureza de Cristo (2Co 11.3). Na outra, Paulo instrui Timóteo sobre a maior facilidade com que a mulher aparentemente é enganada (1Tm 2.13-14). O fato é que, para os apóstolos, Maria nunca foi apresentada como nova Eva. Poderíamos discutir algumas das citações dos padres onde Maria é comparada a Eva, as quais não necessariamente atribuem a ela nem a impecabilidade nem a ascensão alegada. Porém, como nosso objetivo é tratar sobre “fundamento escriturístico”, seguimos afirmando que até agora eles não existem na Bula papal.

vi. O protoevangelho (Gn 3.15) fala de Maria esmagando a cabeça da serpente, vencendo assim o pecado e a morte – aqui nos deparamos com uma das mais perniciosas deturpações bíblicas encontrada na exegese católica. Para os romanistas, o texto de Gn 3.15 se refere a Maria como aquela que esmagaria a cabeça da serpente. O apologista da Montfort comete o mesmo erro ao dizer: “Cristo, então, chama sua Mãe de **mulher**, para que todos reconheçam nela a mulher, aquela que esmagou a cabeça da serpente ao consentir na Encarnação do Verbo”⁶³ (ênfase conforme texto original). Vamos transcrever o texto conforme encontrado na Bíblia de Jerusalém para posteriormente avaliá-lo: *“Porei hostilidade entre ti [a serpente] e a mulher [Eva], entre tua linhagem e a linhagem dela. Ela te esmagará a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”* (Gn 3.15 – grifo adicionado). Pelas regras da língua portuguesa, podemos afirmar que o termo ‘Ela’ acima sublinhado **ou se refere à mulher em si**, no caso Eva, **ou se refere à descendência dela.** Apesar da dúvida gerada pela redação do texto, a própria Bíblia se encarrega de apresentar o sentido correto da passagem. Nela vemos que não foi Eva quem venceu a serpente, tampouco o fez Maria; quem venceu o diabo (a antiga serpente - Ap 20.2) foi Cristo (Hb 2.14), que possui a chave da morte e do inferno (Ap 1.8), e que depôs todos os principados e potestades ao triunfar na cruz (Cl 2.13-15). Assim, o texto só pode se referir a Cristo, o descendente da mulher. Ademais, a própria Bíblia de Jerusalém concorda com esta interpretação ao dizer que “a tradução grega [...] atribui essa vitória não à linhagem da mulher em geral, mas a um dos filhos da mulher”. Diante do exposto, falar que Maria esmagou a cabeça da serpente deturpa as Escrituras e é outro evangelho, e por isso deve ser tratado como tal – anátema!

vii. A ressurreição de Jesus foi o troféu de vitória sobre o diabo. Por participar da mesma vitória, a recompensa de Maria foi a glorificação do “corpo virginal” – finalmente posso concordar parcialmente com a doutrina católica, pois de fato a ressurreição de Cristo assegurou a ele a primazia sobre todas as

coisas (Ef 1.15-23). Contudo, sou obrigado a discordar com a atribuição desta vitória estendida a Maria, pois não há base bíblica capaz de sustentá-la. Onde é dito que Maria é co-participante da vitória de Cristo?⁶⁴ Ademais, seu corpo não era virginal (vide refutação do dogma 20), tampouco foi glorificado, pois conforme expusemos no tópico “iv” acima, as evidências sugerem que de tão magníficos que foram, Deus relatou na Bíblia todos os casos de ascensão ocorridos na história do mundo. Como não há evidência bíblica da ascensão de Maria, decerto ela não ocorreu. Outra deturpação encontrada na Bula *Munificentissimus Deus* é a falsa atribuição ali feita do texto de 1Co 15.54⁶⁵, que se refere à segunda ressurreição, onde a passagem está sendo forçadamente utilizada em alusão à suposta ressurreição de Maria. Novamente há a deturpação do texto bíblico. Novamente evidencia-se a má fé do exegeta católico.

viii. Maria está associada a Jesus desde toda a eternidade – Este não é um privilégio exclusivo de Maria. Em certo sentido, todo cristão está associado a Jesus desde toda a eternidade. Pelo menos é o que diz Efésios 1.3-5: “Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo, assim como nos escolheu nele antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade” (grifo adicionado). O texto fala que Deus, antes da fundação do mundo, já havia escolhido seus filhos por meio de Cristo. Desde toda a Eternidade ele escolheu a Maria e a mim; espero que a você também. Como Deus transcende ao *cronos*, pois é Eterno, sua verdade e seus decretos também a ele transcende. Independente da data cronológica em que a pessoa a Ele se uniu por meio de Cristo Jesus, esta união é eterna do ponto de vista Dele. Por outro lado, por não sermos eternos como Deus, a nossa união com Ele por meio de Cristo se realizou em determinado dia, hora e local; ela tem um início cronológico, sem contudo ter um fim, haja vista que nós, seus servos, reinaremos eternamente com Cristo (Ap 22.1-5). Por esta ótica, a união de Maria com Cristo iniciou-se quanto ela “concordou” em conceber por obra do Espírito Santo (Lc 1.35-38). Infelizmente a frase em análise busca atribuir a Maria atributos que nem ela nem nenhuma outra criatura de Deus possui – a eternidade. De tão absurda que é a pretensão da Bula *Munificentissimus Deus*, deixarei duas perguntas para o católico tentar responder:

(a) Maria era “mãe de Deus” desde antes da encarnação dele?

(b) Se Maria é eterna, conforme induz o texto, teria ela participado da criação do mundo?

Que estas perguntas levem o católico a refletir sobre a pretensa tentativa de divinizar Maria...

ix. Ela é imaculada desde a concepção, sempre virgem e companheira do divino Redentor – como todo “bom” sofisma, a crença na ascensão de Maria fundamenta-se em falsas premissas, as quais têm sido reforçadas ao longo dos últimos séculos. Aqui estão três delas:

- a falsa doutrina da imaculada concepção – já refutada ao longo de toda a análise do dogma 20. Lá vimos que o Dogma da Imaculada Conceição não passa de doutrina de homens, opondo-se à Palavra de Deus e ao Deus da Palavra.

- a falsa doutrina da virgindade perpétua – quem tem filhos não pode ser virgem. É verdade que Maria concebeu a Jesus em estado virginal, um fato que, de tão extraordinário, havia sido predito por Isaías como prova da singularidade do Messias. Contudo, embora Maria fosse virgem até o nascimento de Jesus (Mt 1.24-25), a Bíblia deixa implícito que ela levou uma vida normal de mulher casada, sendo desposada por José e tendo gerado outros filhos, chamados na Bíblia de irmãos de Jesus (Mc 3.31-35). Para se esquivar de tão limpa evidência, a teologia católica tratou de fazer um malabarismo para provar que “irmão = primo” quando fala de Jesus. Em determinado artigo⁶⁶, o apologista da Monfort endossa uma suposta “brilhante exposição de Lúcio Navarro” que tenta mostrar que os irmãos de Jesus eram seus primos. Embora refutar todo o raciocínio ali apresentado seja matéria para um artigo específico, listarei aqui apenas algumas dificuldades que apontam as falácias daquela confusa exposição. Diz o artigo que:

a. *Nas escrituras, o termo “irmãos” pode ser usado para parentes próximos*⁶⁷ – Diferenciamos primeiramente aqui que o católico fez questão de misturar, a saber, o AT e o NT. A proposição é verdadeira quando aplicada ao Antigo Testamento. Digo mais: o termo é até mais extenso que o proposto, pois no hebraico a palavra irmão (‘ach) pode ser usada para irmão (Gn 4.9), meio-irmão (1Re 2.22), parente (Gn 24.27; Gn 29.15); integrante de uma mesma tribo (Gn 27.29; Gn 49.8), para identificar indivíduos com algum ancestral em comum (Gn 16.11-12), e até mesmo em referência a estranhos (Gn 29.1,4). Ora, haja vista a diversidade da aplicação da palavra, quem acaba por definir o melhor sentido é o contexto. Abraão chama Ló de filho, porém sabemos que Ló era seu sobrinho porque as Escrituras mostram que Ló era filho de Harã, irmão de Abraão (Gn 11.27;31). Ademais, no próprio AT existe uma palavra específica para tio, *dowd*, que significa “primo” quando acompanhada do verbete *ben* (literalmente, “filho do tio” = *ben dowd*). Conclusão: **No AT, a palavra irmão pode ser usada em vários sentidos; o que não pode ser esquecido é que ELA É USADA TAMBÉM PARA IRMÃOS!** Além disso, vimos que mesmo no AT há sim uma expressão própria para primo, *ben dowd* (Lv 25.49). Quando vamos para o NT, a palavra irmão (*Adelphos*) é usada para irmão consanguíneo (Mt 10.2), compatriotas (At 2.29) e também é comum dentro das

comunidades cristãs (Mt 28.10). Novamente, o contexto fornece o sentido. Infelizmente, a teologia católica distorce o sentido mais óbvio da palavra irmão no caso de Jesus para transformá-la em “primo”. Tal mutação encontra dois problemas logo de saída. Primeiro, afora o caso de Jesus, em nenhuma outra passagem do NT nem mesmo o católico traduz a palavra irmão como primo, o que torna suspeita a aplicação feita exclusivamente no caso de Jesus. Em segundo lugar, apesar de toda a tentativa em usar o hebraico do AT para aplicar o engano no grego do NT, o fato é que **no grego do NT existe uma palavra específica para primo, *anepsios*, a qual é usada por Paulo em Cl 4.10 para identificar o grau de parentesco entre Barnabé e Marcos**; novamente, das várias referências que são feitas quanto aos irmãos de Jesus, é no mínimo estranho imaginar que em todas elas os autores do NT prefeririam um termo obscuro em detrimento daquele que é claro.

b. No hebraico do AT o termo irmão pode significar primo. Logo, no grego do NT ele significa primo no caso de Jesus – o sofisma acima é um bom resumo da explicação anterior. Em primeiro lugar, apesar das exceções, mesmo no AT o termo irmão significa prioritariamente irmão, algo que o católico parece se esquecer. Em segundo, foge ao bom-senso imaginar que os autores do NT prefeririam usar o termo lato *adelphos* quando dispunham do específico *anepsios* para se referir a um primo. E finalmente, só no caso de Jesus a apologética católica traduz irmão por primo no NT, mostrando com isso sua tentativa de negar que Maria tivera outros filhos.

c. Tiago, filho de Alfeu, é o Tiago mencionado em Mc 6.3 e Mt 13.55-56 – para ser franco, fico maravilhado com o “sistema de auto-defesa contra heresias” existente nas Sagradas Escrituras. O apologista da Montfort defende a idéia de que **o apóstolo Tiago Menor é primo de Jesus e um dos apóstolos**. Relato que de acordo com a própria interpretação católica isso é improvável, pois o Tiago filho de Alfeu não poderia ser um dos “irmãos/primos” relatados pelos evangelistas, haja vista que o apóstolo João deixa claro que os “irmãos/primos” de Jesus não criam nele (Jo 7.5)⁶⁸. Contudo, dentro de nossa interpretação a proposição pode ser verdadeira: Jesus teve um irmão chamado Tiago que não cria nele (Jo 7.5), ao passo que o “Tiago, filho de Alfeu”, pode sim ter sido um primo seu (vide letra “e” abaixo).

d. O Tiago, filho de Alfeu, é o apóstolo citado em Gl 1.19 – A associação proposta só seria possível caso se provasse o ponto acima. Como mostramos que o Tiago Menor não é irmão/primo de Jesus relatado em Mc 6.3, é implausível que o filho de Alfeu seja o Tiago citado em Gl 1.19. Ademais, seria no mínimo estranho que o Tiago até então identificado e diferenciado pela expressão “filho de Alfeu” (ou como “Tiago, o menor” - Mc 15.40) passasse a ser identificado como “irmão (primo) do Senhor”. Ao invés de todo este malabarismo, é mais fácil e coerente identificar o Tiago mencionado por Paulo da seguinte maneira: Jesus teve um irmão chamado Tiago (Mc 6.3) que, como seus outros irmãos, a princípio não cria nele (Jo 7.5). Em algum momento entre a condenação e ressurreição de Jesus seus irmãos o reconheceram como o Messias (inferência), tanto é que passaram a acompanhar Maria e os apóstolos após a ressurreição (fato – At 1.14). Ademais, a própria Bíblia de Jerusalém, no comentário de At 1.13, diz que “não se deve também, parece, identificar o apóstolo Tiago, filho de Alfeu, com Tiago, irmão do Senhor (At 12.17; 15.13 etc)”.

e. Jesus tem uma tia chamada Maria, mãe de seus primos Tiago menor e José – Ainda que seja verdadeira tal colocação, ela nada prova. O texto de Mc 15.40 fala de uma certa Maria, mãe de Tiago e José, e Jo 19.25 fala que Maria tinha uma irmã de mesmo nome, donde se infere com uma boa chance de acerto que se trate da mesma mulher. Se assim o for, teríamos as duas irmãs com os seguintes filhos: de um lado, Maria, mãe de Jesus e de Tiago, José, Simão e Judas; do outro, Maria, Tia de Jesus e mãe de Tiago e José. Ora, se até as irmãs têm o mesmo nome, não é absurdo imaginar que os filhos também tivessem nomes iguais.

f. Judas Tadeu era irmão de Tiago Menor – fico realmente contrariado quando vejo um suposto cristão proferindo tão deslavada mentira. Diz o artigo em análise que “tanto o Evangelho de S. Lucas (VI-16) como os Atos dos Apóstolos (1-13) [...] chamam a Judas Tadeu: Judas, irmão de Tiago”. Na verdade, em todas as traduções pesquisadas⁶⁹, tanto Lucas 6.16 como At 1.13 falam que Judas [Tadeu] era filho de Tiago. Quanto a este Tiago, não sabemos precisar exatamente a qual deles o texto se refere; sabemos sim a qual Tiago ele não se refere – este Tiago não é o irmão de Jesus (Mc 6.3), haja vista que se os irmãos de Jesus não criam nele (Jo 7.5).

Quanto a Judas Tadeu, ele também não poderia ser filho do Tiago irmão de Jesus, pois é bem pouco provável que o um filho de seu irmão viesse a crer nele (já que o irmão em si não cria – Jo 7.5) ou sequer tivesse idade para ser seu discípulo. Por fim, novamente citando a nota de At 1.13 da Bíblia de Jerusalém, os redatores deixam claro que “o apóstolo Judas é distinto de Judas, irmão de Jesus”, invalidando a tentativa católica de fazer do apóstolo Judas o suposto primo/irmão de Jesus.

Embora não seja conclusivo por si só, há ainda um outro argumento que dificulta a acreditar na tese católica de que “irmãos = primo” quando em referência à família de Jesus. Citemos novamente as Escrituras: “Então Jesus entrou numa casa, e novamente reuniu-se ali uma multidão, de modo que ele e os seus discípulos não conseguiram nem comer. Quando seus familiares⁷⁰ (*par autou* = “pertencentes a ele”) ouviram falar disso, saíram para trazê-lo à força, pois diziam: ‘Ele está fora de si’ [...]. Então chegaram a mãe e os irmãos (*adelphos*) de Jesus. Ficando do lado de fora, mandaram alguém chamá-lo” (Mc 3.20,21,31). É interessante notar que Marcos, em um mesmo texto, faz menção aos *par autou* (familiares/parentes) e aos

adelphos (irmãos) de Jesus, como que diferenciando os da casa dele (mãe e irmãos) dos demais familiares (provavelmente tios e primos). Assim, pelo conjunto da ópera, podemos elaborar o seguinte postulado: Quando a Bíblia fala em irmãos (*adelphos*) de Jesus, o intuito do autor é enfatizar o sentido mais comum e óbvio da palavra, o da consangüinidade. Caso Tiago, José, Simão e Judas fossem primos de Jesus, os autores do NT poderiam ter utilizado termos mais apropriados para tal, seja *anepsios* (primo), *par autou* (parentes), ou mesmo *suggenes*, expressão traduzida por parentes em Mc 6.4, Lc 1.36,58, Lc 2.44, etc.

- *a falsa doutrina de Maria ser companheira de Cristo* – sinceramente, gostaria de obter mais detalhes do sentido da palavra “companheira” aqui utilizado antes de direcionar a refutação. Se for “companheira de ministério ou caminhada”, por exemplo, peço que o leitor volte ao tópico “i” acima, onde mostramos que Maria não era tão unida corporalmente ao seu filho quanto tentam fazer crer. Aguardo a posição a ser sustentada pelo apologista católico.

x. Obteve triunfo completo sobre o pecado e suas conseqüências – Pela redação do texto, não está claro se o mesmo se refere à Maria ou a Jesus. O fato é que biblicamente ele só pode ser aplicado ao Redentor (Hb 4.14-16).

xi. Por isso foi preservada da corrupção do sepulcro – Aqui está claro que o texto está sendo falaciosamente aplicado a Maria. Contudo, conforme mostramos na refutação do “dogma 20, no tópico C, 3º parágrafo”, o Salmo 16.10 foi aplicado por Pedro e Paulo exclusivamente a Jesus (At 2.25-28; At 13.32-37). Logo, aplicá-lo a Maria é deturpar a Palavra de Deus.

xii. À semelhança do seu divino Filho, vencida a morte, foi levada em corpo e alma ao céu – Novamente, falta a evidência escriturística que a Bula *Munificentissimus Deus* se propôs a fornecer. Conforme dito no ponto “iv”, pela raridade do evento, esperar-se-ia que os apóstolos tivessem relatado a suposta ascensão da mãe do Messias. Contudo, não há no NT uma única passagem da qual se possa ao menos inferir este disparate da doutrina católica. Até que se prove contrário, tal crença não passa de um devaneio.

xiii. Lá Maria é Rainha à direita do seu Filho, Rei imortal dos séculos (cf. 1Tm 1,17) – Realmente a Bula *Munificentissimus Deus* é estranha! Colocam nela a citação do versículo que aponta Jesus como “Rei imortal dos séculos” (1Tm 1.17), porém não fornecem um único versículo que aponte Maria como Rainha, supostamente à direita de seu filho. Conforme sustenta a crença católica, devemos acreditar que Maria está ao lado de seu filho. Se assim o fosse, nada mais justo que esperar dos apóstolos ao menos alusão a tamanho privilégio nos relatos do NT; ao contrário disso, contudo, sempre que o NT menciona Cristo glorificado, nunca sua mãe é citada, donde se infere, de forma bem plausível, que a omissão tem um único motivo: a não presença dela à destra de seu filho, haja vista que ela aguarda sua ressurreição, juntamente com todos os demais servos de Deus (vide refutação do dogma 21, tópico B, sub-tópico iii, resposta à pergunta 2). Listemos alguns versículos que não mostram Maria como rainha, muito menos à direita de seu filho:

- Mt 25.31-33: “Quando o Filho do homem vier em sua glória, com todos os anjos, assentar-se-á em seu trono na glória celestial. Todas as nações serão reunidas diante dele, e ele separará umas das outras como o pastor separa as ovelhas dos bodes. E colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda”.

Jesus, aqui chamado de Filho do homem, virá acompanhado apenas dos anjos para separar suas ovelhas. Só nesta ocasião todos os servos de Deus – inclusive Maria – serão colocados a sua direita.

- Mt 26.64b: “Chegará o dia em que vereis o Filho do homem assentado à direita do Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu”. Só Jesus será visto a direita de Deus.

- Rm 8.34: “Quem os condenará? Foi Cristo Jesus que morreu; e mais, que ressuscitou e está à direita de Deus, e também intercede por nós”. Só Cristo morreu, ressuscitou e está à direita de Deus. Só ele intercede por nós nos céus.

- Ef 1.20: “Esse poder ele exerceu em Cristo, ressuscitando-o dos mortos e fazendo-o assentar-se à sua direita, nas regiões celestiais”. Só Cristo é mencionado como tendo sido ressuscitado por Deus.

- Ef 6.8-9: “porque vocês sabem que o Senhor recompensará cada um pelo bem que praticar, seja escravo, seja livre. Vocês, senhores, tratem seus escravos da mesma forma. Não os ameacem, uma vez que vocês sabem que o Senhor deles e de vocês está nos céus, e ele não faz diferença entre as pessoas”. Há um só Senhor nos céus.

- Fl 3.20: “A nossa cidadania, porém, está nos céus, de onde esperamos ansiosamente o Salvador, o Senhor Jesus Cristo”. Só Jesus virá dos céus.

- Cl 4.1: “Senhores, dêem aos seus escravos o que é justo e direito, sabendo que vocês também têm um Senhor nos céus”. Novamente, há um só Senhor nos céus.

- 1Ts 1.9b-10: “vos convertestes a Deus, para servirdes o Deus vivo e verdadeiro e para aguardardes dos céus o seu Filho, a quem ele ressuscitou dentre os mortos, Jesus, que nos livra da ira vindoura”. Só o Filho virá dos céus. Só ele ressuscitou dentre os mortos.

- 1Ts 4.16: *“Pois, dada a ordem, com a voz do arcanjo e o ressoar da trombeta de Deus, o próprio Senhor descera dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro”*. Só Cristo descera dos céus. Só nesta ocasião os demais mortos serão ressuscitados.
- Hb 1.3b: *“Depois de ter realizado a purificação dos pecados, ele se assentou à direita da Majestade nas alturas”*. Só Cristo é mencionado como estando à direita de Deus.
- Hb 4.14: *“Portanto, visto que temos um grande sumo sacerdote que adentrou os céus, Jesus, o Filho de Deus, apeguemo-nos com toda a firmeza à fé que professamos”*. Assim como a seu tempo havia apenas um Sumo Sacerdote para adentrar o Santo dos Santos, semelhantemente só há um Sumo Sacerdote que adentrou os céus: Jesus.
- Hb 8.1-2: *“O mais importante do que estamos tratando é que temos um sumo sacerdote como esse, o qual se assentou à direita do trono da Majestade nos céus e serve no santuário, no verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, e não o homem”*. Só Jesus se assentou a destra de Deus nos céus. Só ele serve no santuário.
- Hb 9.24: *“Pois Cristo não entrou em santuário feito por homens, uma simples representação do verdadeiro; ele entrou nos céus, para agora se apresentar diante de Deus em nosso favor”*. Só Cristo entrou nos céus, e com uma função única e específica: apresentar-se diante de Deus em nosso favor.
- Hb 12.2b: *“Ele, pela alegria que lhe fora proposta, suportou a cruz, desprezando a vergonha, e assentou-se à direita do trono de Deus”*. Só Jesus é mencionado como estando à direita de Deus.
- Hb 13.20: *“O Deus da paz, que pelo sangue da aliança eterna trouxe de volta dentre os mortos o nosso Senhor Jesus, o grande Pastor das ovelhas”*. Só Jesus foi trazido de volta do Hades, o mundo dos mortos, conforme diz Ap 1.18.
- 1Pd 1.19: *“Por meio dele [Jesus] vocês crêem em Deus, que o ressuscitou dentre os mortos e o glorificou, de modo que a fé e a esperança de vocês estão em Deus”*. Só Jesus ressuscitou e foi glorificado.
- 1Pd 3.22: *“[Jesus Cristo] que subiu aos céus e está à direita de Deus; a ele estão sujeitos anjos, autoridades e poderes”*. Só Cristo está à direita de Deus.
- Ap 7.9: *“Depois disso olhei, e diante de mim estava uma grande multidão que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé, diante do trono e do Cordeiro, com vestes brancas e segurando palmas”*. Os salvos serão apresentados apenas diante de Deus, que está no trono, e do Cordeiro. Não há nenhuma rainha ao lado deles.
- Ap 21.22-23: *“Não vi templo algum na cidade, pois o Senhor Deus todo-poderoso e o Cordeiro são o seu templo. A cidade não precisa de sol nem de lua para brilharem sobre ela, pois a glória de Deus a ilumina, e o Cordeiro é a sua candeia”*. Só Deus e o Cordeiro ocupam lugar de proeminência nos céus. Não há rainha.
- Ap 22.3b: *“O trono de Deus e do Cordeiro estará na cidade, e os seus servos o servirão”*. Só Deus e o Cordeiro possuem trono. Não há rainha. Como os demais salvos, Maria servirá a Cristo, confirmando a postura de serva que ela assumira ao dizer: *“Sou serva do Senhor; que aconteça comigo conforme a tua palavra”* (Lc 1.38).

É evidente que **Maria não precisaria ser mencionada em todas as passagens que falam de Cristo glorificado. O problema é que ela não é mencionada em nenhuma delas!** Como o apologista católico explica tamanha omissão: Teriam os apóstolos a escondido propositalmente? Teria o Espírito Santo esquecido de inspirá-los quanto a tão importante doutrina? Ou seria a falta de evidência no NT uma prova de que os primeiros cristãos não criam em tal disparate? Sem o uso de novas distorções, parece que a última opção é a única plausível...

Diante de tudo que foi exposto até aqui sobre a base escriturística para a crença na assunção de Maria, acho que não é demais dizer que ela simplesmente não existe (isso se não se deturpar a Palavra de Deus, é óbvio). Ao invés disso, o que temos é as Escrituras se opondo a este dogma católico. Esperamos e até desejamos que o católico tenha melhor sorte ao discorrer alicerçado no pilar da tradição. Mesmo porque a fundamentação com base nas Escrituras jamais existiu.

B. No ponto anterior, ao invés de encontrarmos as evidências escriturísticas da suposta assunção de Maria, o que vimos foi a falta delas. Todavia, sabemos que citação de doutrinas bíblicas não é o forte da teologia católica. Eles se baseiam prioritariamente na história da igreja. É por isso que na bula *Munificentissimus Deus* o Papa fez uma ampla citação da chamada “tradição”. Tanto é que “Testemunho da crença na assunção”, “Testemunho dos santos Padres” e “Testemunho dos teólogos” são alguns títulos dos tópicos ali apresentados. Pela própria Bula em si, percebe-se que o dogma da Assunção de Maria é defendido valendo-se mais da “tradição” do que de qualquer outra coisa.

Quanto a isso, de fato há sim uma “boa tradição”, conforme mostramos anteriormente. Vimos que ela é aquela que permanece na doutrina dos apóstolos, não aquela que acrescenta algo aos ensinamentos deixados por eles. Infelizmente a tradição católica se classifica no último grupo. Pretendo provar esta última afirmação. Para fazê-lo, vamos transcrever Mc 7.6-13 para posteriormente comparar o texto bíblico com a “tradição” do catolicismo. Assim diz a Palavra de Deus: “Respondeu-lhes: Bem profetizou Isaías a respeito de vós, hipócritas, como está escrito: Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens. Negligenciando o mandamento de Deus, guardais a tradição dos homens. E disse-lhes ainda: Jeitosamente rejeitais o

preceito de Deus para guardardes a vossa própria tradição. Pois Moisés disse: Honra a teu pai e a tua mãe: e: Quem maldisser a seu pai ou a sua mãe seja punido de morte. Vós, porém, dizeis: Se um homem disser a seu pai ou a sua mãe: Aquilo que poderias aproveitar de mim é Corbã, isto é, oferta para o Senhor, então, o dispensais de fazer qualquer coisa em favor de seu pai ou de sua mãe, invalidando a palavra de Deus pela vossa própria tradição, que vós mesmos transmitistes; e fazeis muitas outras coisas semelhantes”.

Se observarmos cuidadosamente, veremos que há um princípio normalmente omitido pelo católico no presente texto. Nele Jesus cita um trecho das Escrituras e mostra como os hipócritas não o obedeciam, justificando a desobediência fazendo uso das “tradições”. De forma semelhante, os católicos indubitavelmente fazem uso da muleta chamada tradição quando confrontados com as Escrituras. Seria a semelhança mera coincidência?!? Além de nos proporcionar tão importante constatação sobre o perigo da “tradição”, o texto mostra ainda que:

- i. Deus não aceita “doutrinas que são preceitos de homens” – e preceito de homens é a doutrina da assunção, pelo simples fato que não existir amparo nas Escrituras para tal crença, conforme mostramos a pouco ao longo do Tópico A.
- ii. Jesus condena aqueles que rejeitam os preceitos de Deus para guardar a própria tradição – O Mestre deixa claro que as tradições que deturpavam as Escrituras – no caso a Lei de corbã – deveriam ser rejeitadas. Como o judeu sabia sobre a ordenança de honrar Pai e Mãe? Pelo relato das Escrituras (Dt. 5.16). O que estava “escrito” na lei deveria ser rigidamente obedecido, e não modificado por uma “tradição posterior”. Notem que o Judeu deturpou as Escrituras acrescentando algo aparentemente “piedoso” à revelação divina; assim age a teologia católica, pois vemos que o dogma da assunção, apesar de “piedoso”, também não encontra respaldo bíblico.
- iii. Jesus deixa claro que os fariseus e escribas transgrediam a Lei de Moisés para estabelecer uma falsa religiosidade – A falsa religiosidade é evidenciada pela falta de concordância com as Escrituras. A pseudo-assunção de Maria contraria, por exemplo, o texto de Paulo que fala que os mortos só ressuscitarão na segunda vinda de Cristo (1Co 15.20-23). É por essas e outras que dizemos que o dogma da assunção é pseudo-cristianismo e deve ser rejeitado por todos que se consideram discípulos de Cristo.

C. Apesar de clamar pela tradição na defesa do dogma da ascensão, o fato é que o dogma em si teve início em um momento tardio (1950 d.C.). Provavelmente tentando justificar tamanho atraso na aceitação da recente doutrina, o dogma respalda-se na expressão “divinamente revelado”. Ao meu ver, tal expressão pode ter tanto o sentido de “revelado por Deus através das Escrituras e melhor explanado pelo Papa”, ou então significa uma “revelação direta de Deus à Igreja através do Papa”. Particularmente acho que o texto pretende cobrir a segunda interpretação proposta (mesmo porque a primeira parece implausível depois do que apresentamos no ponto A). Se assim o for, o próprio dogma afirma ser fruto de uma informação extra-bíblica, sabe-se lá como obtida, supostamente vinda diretamente de Deus ao Papa ou coisa do gênero. Ora, quanto a este tipo de revelação o apóstolo Paulo antecipadamente já advertia: “Mas, ainda que nós ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema. Assim, como já dissemos, e agora repito, se alguém vos prega evangelho que vá além daquele que recebestes, seja anátema” (Gl 1.8-9). No texto, o Apóstolo salienta que as REVELAÇÕES NECESSÁRIAS já haviam sido recebidas. Revelações pseudo-apostólicas deveriam ser anátemas quando diferissem do evangelho pregado pelos apóstolos. Por isso, anátema seja o dogma da Assunção de Maria.

D. No ponto B mostramos que Jesus repreendeu àqueles que iam além da lei (Bíblia) e criavam doutrinas de homens, e no C mostramos que Paulo repreendeu àqueles que iam além do evangelho (Bíblia) e acreditavam em doutrinas eventualmente recebidas de anjos. Logo, parece claro que doutrinas de homens e de anjos devam ser rejeitadas. Contudo, segundo o catolicismo, o dogma da Assunção não é doutrina nem de homens nem de anjos, mas sim do próprio Deus (lembremo-nos da expressão “divinamente revelado”). Ao assim se posicionar, no catolicismo o Papa assume o status de profeta, e como tal tanto a profecia como o profeta podem (e devem) ser postos a prova. Até Cristo provou sua messianidade pelas profecias que cumpriu e pelas que proferiu; logo, não é muito pedir que os Papas tenham suas “profecias” testadas. Para “provar” o profeta e a profecia, assim instruíra a lei de Moisés: “Sabe que, quando esse profeta falar em nome do SENHOR, e a palavra dele se não cumprir, nem suceder, como profetizou, esta é palavra que o SENHOR não disse; com soberba, a falou o tal profeta; não tenhas temor dele” (Dt 18.22). Vê-se pelo texto que a profecia vinda de Deus necessariamente tem que ser verdadeira⁷¹. Vê-se também que há tanto falsos profetas quanto falsas profecias. Outra razão para não se confiar piamente na declaração do Papa é porque a Bíblia claramente diz que “maldito o homem que confia no homem” (Jr 17.5), donde se conclui que confiar no Papa não deve ser um pressuposto de nenhum homem, seja ele protestante ou mesmo católico. Antes de avaliar à pretensa revelação divina do dogma da assunção, gostaria de estabelecer primeiramente uma premissa para posteriormente confrontá-la com o ensino romano.

Creio que o católico concordará que **uma revelação autenticamente divina não contradiz à Palavra verdadeiramente vinda de Deus** – para nos ajudar a sustentar o proposição acima, tomemos como

exemplo os dias do profeta Jeremias. Em sua época, tanto os profetas quanto os sacerdotes usavam de falsidade (Jr 6.13; 8.10). Muitos pregavam apenas seus devaneios (Jr 23.25) e doutrinas próprias (Jr 23.31), com o objetivo único de iludir o povo. Jeremias, profeta verdadeiro, havia dito ao povo que Judá e os habitantes de Jerusalém seriam cativos na Babilônia por 70 anos (Jr 25.11). Algum tempo depois surgiu dentre o povo um falso profeta, Hananias, dizendo que o cativo duraria apenas 2 anos (Jr 28.2-4). Duas mensagens supostamente divinas, contudo apenas uma verdadeira. O desenrolar da história confirma a veracidade da afirmação de Jeremias, cabendo ao falso profeta Hananias a morte como punição por ter pregado rebeldia contra o Senhor (Jr 28.15-17). A presente história nos apresenta os seguintes princípios, os quais aplicaremos à doutrina católica:

- **Existem falsos profetas que se apresentam como verdadeiros** – Qualquer profeta pode se apresentar como verdadeiro sem o sê-lo de fato. O próprio Hananias se apresentou como profeta de Deus, alegando-se possuidor de uma revelação “divinamente inspirada”, quando não passava de um enganador. Logo o fato do profeta se auto-intitular verdadeiro não é prova de autenticidade.

- **A profecia do falso profeta se opõe à palavra do Senhor** – O profeta verdadeiro havia dito – conforme palavra recebida do Senhor – que o cativo duraria 70 anos, ao passo que o falso afirmou que seriam apenas 2 anos. Apenas o primeiro estava correto. Semelhantemente, o verdadeiro profeta deve usar a Bíblia – a palavra do Senhor – para sustentar as doutrinas verdadeiras. É a Bíblia quem diz que só Jesus virá dos céus, só ele ressuscitou dentre os mortos, e só ele nos livrará da ira vindoura, conforme ensina Paulo aos Tessalonicenses: “vos convertestes a Deus, para servirdes o Deus vivo e verdadeiro e para aguardardes dos céus o seu Filho, a quem ele ressuscitou dentre os mortos, Jesus, que nos livra da ira vindoura”. (1Ts 1.9b-10). Qualquer crença na assunção de Maria contraria este e tantos outros versículos da Palavra do Senhor, e por isso tais crenças devem ser anátemas.

- **Deus não tarda em punir a rebeldia do falso profeta** – Esta é uma consequência inescapável daqueles que se firmam na mentira. Assim como Hananias foi punido por sua falsa profecia, assim Deus julgará àqueles que enganam, pois “o Senhor odeia os lábios mentirosos, mas se deleita com os que falam a verdade” (Pv 12.22). Nosso papel aqui não é condenar ninguém, mas simplesmente apontar o erro do catolicismo para que Deus, em sua infinita graça, dê pleno conhecimento da verdade àqueles que estão enganando e sendo enganados.

E. Para encerrar nossa análise sobre o Dogma da Assunção, gostaria de tecer mais alguns comentários a respeito da expressão “divinamente revelado”. Como dissemos a pouco, o dogma tem que ser ou uma releitura das Escrituras, ou então uma revelação divina “complementar” à doutrina dos apóstolos. Tais proposições nos colocam diante do seguinte dilema:

a. se o Dogma da Assunção já consta nas Escrituras, ele não precisaria de uma revelação posterior – Um exemplo de doutrina que não precisou de “revelação divina” foi a redação do chamado Credo de Nicéia⁷², quando a igreja sintetizou algumas doutrinas bíblicas fundamentais ao reescrevê-las em expressões simples e diretas, todas com evidente embasamento escriturístico. Infelizmente, é exatamente este tipo de embasamento que falta na doutrina da assunção, e por isso ela deve ser rejeitada por todo cristão que deseja perseverar em – e não alterar a – a doutrina dos apóstolos. Ademais, o Apóstolo Paulo deixa claro que “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra. Conjurando-te, perante Deus e Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino: preça a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina. Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas” (2Tm 3.16-4.4 – grifo nosso). Segundo Paulo, a Escritura deve ser a fonte de ensino de todo o cristão; quando deixa de segui-la, o [pseudo]cristão torna-se alvo do engano e se entrega a fábulas semelhantes à fábula da assunção.

b. se o Dogma da Assunção não consta nas Escrituras, de fato justifica-se o argumento da revelação extra-bíblica feita ao Papa – o problema com tal crença é que ela se opõe tanto ao texto de Paulo aos Gálatas (vide tópico C acima), pois estaria se seguindo um evangelho diferente do pregado pelos verdadeiros apóstolos, como também se opõe à instrução dada a Timóteo (vide texto de 2Tm 3.16-4.4 acima), pois ao deixar de seguir às Escrituras abre-se a porta para a crença em fábulas.

CONCLUSÃO DO DOGMA 22

Existem basicamente três pilares que tentam sustentar a crença na suposta Assunção de Maria. Um deles seria as Escrituras, o outro a Tradição, e por fim uma suposta revelação feita ao Papa. Vamos rever os principais problemas encontrados em cada um deles:

- As Escrituras não fazem sequer uma menção à suposta glorificação de Maria. Ao contrário disso, o que vemos é só Jesus sendo mencionado como exaltado e glorificado à direita de Deus. Em meio a tantas fantasias, permitam-me citar uma história verídica. Sabemos pelas Escrituras que Cristo deixou a João, o

discípulo amado, a tarefa de cuidar da bem-aventurada Maria (Jo 19.26-27). Decerto o apóstolo tinha grande estima pela mãe do Messias, e tributou a ela toda a honra e respeito que lhe eram devidos. Mui provavelmente Maria padeceu sob os cuidados do discípulo amado, morte esta que deve ter lhe trazido a dor da separação acompanhada da alegria de saber que um dia a reencontraria nos céus ao lado dos demais servos de Deus. Apesar do amor a Maria, o apóstolo João não a super-exaltou. Ele não a viu nos céus ao lado de Cristo. No final do Apocalipse ele se limitou a transcrever aquilo que lhe fora revelado, a saber, que *“o trono de Deus e do Cordeiro estará na cidade, e os seus servos o servirão”* (Ap 22.3b). Só havia o Trono de Deus e o do Cordeiro nos céus. Todo cristão deve crer naquilo que o apóstolo relatou, devendo se opor às doutrinas que vão além desta verdade.

- Quanto à tradição, relembremo-nos do alerta deixado por Paulo: “Assim, pois, irmãos, permaneço firme e **guardai as tradições** que vos foram ensinadas, seja por palavra, seja por epístola nossa” (2 Ts 2.15). Significativo é o alerta para “guardar” a tradição, e não para “alterá-la”. Todo indivíduo que deseja guardar as tradições dos apóstolos não pode aceitar o Dogma da Ascensão até que se prove que a tal crença foi ensinada pelos apóstolos contemporâneos a Cristo.

- Quanto à suposta origem do dogma como “divinamente revelado”, a afirmação em si não diz muita coisa. Isso porque o falso profeta sempre se apresenta como verdadeiro, e a auto-alegação não é suficiente para sustentar o peso da afirmação. A verdade é que o verdadeiro profeta tem a seu favor a comprovação da profecia que proferiu. Ora, a melhor maneira de se comprovar a suposta assensão de Maria seria pelo testemunho de seus contemporâneos, como por exemplo o testemunho dos apóstolos. Porém, não existe evidência em tal crença nem no NT nem em qualquer outro documento do primeiro século, o que faz da crença na ascensão algo não crível. Já antecipando a uma possível citação de documentos da “tradição” elaborados em séculos posteriores ao I ou II, necessariamente eles devem ser classificados como mitos. Isso porque uma das condições básicas para o desenvolvimento de lendas é a morte das testemunhas oculares do fato ou das gerações próximas a ele. A bem da verdade, alguém já disse que “o desenvolvimento de lendas leva pelo menos duas gerações inteiras”⁷³. **Para se acreditar que a crença na assunção é uma afirmação historicamente verdadeira, é necessário – no mínimo – a existência de documentos que a ela claramente se refiram em até no máximo duas os três gerações posteriores ao período apostólico.** Assim, até que se prove o contrário, mesmo que seja dito que o dogma da assunção foi “divinamente revelado” pelo Papa, a falta de historicidade do mesmo mostra que a afirmação não passa de logro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Prezado (irmão e) opositor católico, lamento que minha exposição tenha ficado maior do que eu gostaria. Sei que dificilmente ela será publicada pelo site, tanto pelo seu tamanho quanto pelo seu conteúdo. Para o primeiro problema, prontifico-me a reduzi-la caso você deseje, pois creio que o senhor levará em consideração os raciocínios pormenorizados deste artigo ao refutar o eventual artigo simplificado. Já para o segundo, peço que Deus vos dê a graça de batalhar em prol da verdade, pois só através dela poderemos chegar a um denominador comum; isso porque aqueles que buscam a mesma coisa (a verdade) necessariamente acabam por caminhar na mesma direção, e espera-se que um dia cheguem a se encontrar, seja na unidade do pensamento, seja na vida vindoura. Espero que meu (irmão e) opositor concorde que a Palavra de Deus é a verdade (Jo 17.17), e por isso o convido a procurar nela a resposta à seguinte pergunta: **O que fará Maria na vinda do Messias? Ficarà nos céus, descerà com Ele ou ressuscitarà com os demais servos de Deus?** A resposta está em 1Ts 4.16-17, onde é dito que “o mesmo Senhor descerà do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor”.

A esta altura, tanto o meu (irmão e) opositor como também o leitor podem estar imaginando que demonstramos “ódio a Maria”. Embora hora nenhuma tivéssemos tal intenção, reconheço a reação como legítima. Contudo, o problema não está em nossa colocação, mas sim na deturpada doutrina aprendida pelo indivíduo. De minha parte, busquei apresentar apenas o que a Bíblia diz – a verdade –, para que de posse dela o católico possa se dar conta das falsas doutrinas que aprendeu e – queira Deus – venha a rejeitar estes e tantos outros falsos ensinamentos apregoados pelo romanismo.

Apenas para não deixar dúvidas quanto a admiração que nutrimos pela pessoa que Maria foi, gostaria de transcrever as palavras de Loraine Boettner que sintetizam o apreço da grande maioria dos evangélicos por ela: “Na qualidade de protestantes evangélicos, respeitamos Maria, a mãe de nosso Senhor, com o respeito que as Escrituras lhe indicam como ‘bendita entre as mulheres’. Nenhum outro membro da raça humana recebeu tão alta honra como a que foi conferida a Maria, pois ela foi escolhida para ser a mãe do Salvador do mundo. Ela foi verdadeiramente uma mulher virtuosa, de uma fé extraordinária. Ela cumpriu

admiravelmente o papel que lhe foi destinado. Ela foi o vaso escolhido para trazer o Pão da Vida ao mundo amaldiçoado pelo pecado. Mas ela foi apenas um vaso, não o Pão da Vida⁷⁴. Tanto é Jesus o único que nos alimenta que Ele mesmo disse: “*Quem tem o Filho, tem a vida; quem não tem o Filho de Deus, não tem a vida*” (1Jo 5.12).

Antes de finalizar, gostaria de transcrever a instrução de Paulo deixada a Timóteo, a qual é válida para todo verdadeiro cristão. Diz o apóstolo que “*ao servo do Senhor não convém brigar mas, sim, ser amável para com todos, apto para ensinar, paciente. Deve corrigir com mansidão os que se lhe opõem, na esperança de que Deus lhes conceda o arrependimento, levando-os ao conhecimento da verdade, para que assim voltem à sobriedade e escapem da armadilha do Diabo, que os aprisionou para fazerem a sua vontade*” (2Tm 2.24-26). Posso sim em alguns casos ter errado na forma de apresentar a matéria, porém creio que bem menores são os erros de conteúdo. Que cada tire a própria conclusão.

No mais, despeço-me com as benditas palavras deixadas por João no início do Apocalipse:

“A vocês, graça e paz da parte daquele que é, que era e que há de vir, dos sete espíritos que estão diante do seu trono, e de Jesus Cristo, que é a testemunha fiel, o primogênito dentre os mortos e o soberano dos reis da terra. Ele nos ama e nos libertou dos nossos pecados por meio do seu sangue, nos constituiu reino e sacerdotes para servir a seu Deus e Pai. A ele sejam glória e poder para todo o sempre! Amém” (Ap 1.4b-6)

Josafá Valim de Lima

¹ <http://paginas.terra.com.br/religiao/mppm/dogmas.htm>

² http://www.monergismo.com/textos/catolicismo/maria_mae.htm

³ http://www.camisetacatolica.com/product_info.php?products_id=46

⁴ <http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cartas&subsecao=apologetica&artigo=20040804234948&lang=bra>

⁵ <http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cartas&subsecao=apologetica&artigo=20040812172528&lang=bra>

⁶ Não é nosso intuito fazer a exegese da parábola. Apenas apontar os aspectos relativos à suposta intercessão dos mortos.

⁷ <http://www.montfort.org.br/index.php?secao=home&subsecao=busca&ie=iso-8859-2&cx=012166553152422019379%3Au0rbuvmviog&q=tesoura+protestante+tesouro&lang=bra&cof=FORID%3A11#743>

⁸ Morto-morto: morto física e espiritualmente, como o rico. Morto-vivo: morto física mas não espiritualmente, como Lázaro.

⁹ Oração dirigida a qualquer uma das pessoas da Trindade não impugna, a priori, a afirmação.

¹⁰ O termo para advogado (ou consolador), *parakletos*, ocorre por 5 vezes no NT (Jo 14.16; 14.26; 15.26; 16.7; 1Jo 2.1). O apóstolo João sempre o aplica em referência à divindade (ao Senhor Jesus ou ao Espírito Santo).

¹¹ Em 1Sm 28 temos a narrativa de Saul buscando se comunicar com Samuel depois que o profeta havia morrido. Sobre a passagem, é significativo o verso 14, que diz “Entendendo Saul que era Samuel”, onde Saul teria sido enganada pelo vulto e pela necromante. Até o que me consta, tanto católicos como protestantes sustentam que não era Samuel quem aparecera a Saul.

¹² <http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cartas&subsecao=apologetica&artigo=20040812172528&lang=bra>

¹³ Todos os espíritos voltam a Deus. Conforme diz Jo 5.28-29, na ressurreição os justos ressuscitarão para uma nova vida, ao passo que os ímpios para o julgamento, onde serão condenados à segunda morte (Ap 20.11-15)

¹⁴ A palavra “descanso” é, por alguns, interpretada como “sono da alma”, porém esta não é a posição reformada (protestante). Na verdade, o descanso é o retorno da alma a Deus, onde aqueles que “morreram em Cristo” já desfrutam da presença dele enquanto esperam pela ressurreição do corpo. Para maior clareza, vide o capítulo XXXII da Confissão de Fé de Westminster (<http://www.executivaipb.com.br/Documentos/confiss%E3o%20de%20f%E9.pdf>)

¹⁵ Antecipando-nos a uma eventual distorção a ser apontada pelo nosso opositor, se seguirmos o texto bíblico veremos que Elias condiciona a resposta a sua partida, o que é diferente de dizer que ele responde após a partida. Tal resposta indica que nem Elias sabia se o pedido de Eliseu seria realizado. Ele seria atendido apenas se Deus lhe permitisse ver a partida de Elias.

¹⁶ Há uma análise semelhante no dogma 22, tópico A, sub-tópico iv, onde mostramos que “ter poder” para fazer algo não implica necessariamente em “realizar” aquilo que se é capaz.

¹⁷ Excetuando-se Jesus, é claro, pois ele não está morto; antes, é o único ressurreto em corpo glorificado (1Co 15.22-23)

¹⁸ <http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cartas&subsecao=apologetica&artigo=20040828130126&lang=bra>

¹⁹ <http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cartas&subsecao=apologetica&artigo=20040827093000&lang=bra>

²⁰ <http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cartas&subsecao=apologetica&artigo=20040812172528&lang=bra>

²¹ A própria criação do mundo (Gn 1) mostra que a “matéria pré-existente” não é necessária para a realização de milagres. Todavia, em várias ocasiões existe o uso de matéria na realização de alguns milagres, pelo simples fato que Deus assim escolheu operar.

²² <http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cartas&subsecao=apologetica&artigo=20040828130126&lang=bra>

-
- ²³ <http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cartas&subsecao=apologetica&artigo=20040804234948&lang=bra>
- ²⁴ <http://www.montfort.org.br/perguntas/protestante7.htm>
- ²⁵ A palavra “idolatria” é o termo utilizado pela jovem Fernanda. Fica a nota que o católico chama a veneração a Maria de hiperdulia.
- ²⁶ <http://www.montfort.org.br/index.php?secao=veritas&subsecao=igreja&artigo=bodas&lang=bra>
- ²⁷ Reconhecemos que em diversas passagens das Escrituras, expressões do tipo “ainda não é chegada a minha hora” de fato se referem ao momento em que Jesus se sacrificaria em prol daqueles que nele cressem (Mt 26.45; Mc 14.41; Jo 7.30; 8.20; 12.23; 13.1; 17.1). Todavia, na seqüência do texto explicaremos porque este sentido não se aplica ao caso das Bodas de Caná.
- ²⁸ Tanto é que o mestre-sala não sabia de onde viera o vinho – vide Jo 2.9. O versículo diz também que os serventes sabiam de onde tinha vindo a água – haja vista que eles encheram as talhas – porém não é possível (nem provável) afirmar que eles soubessem que Jesus a transformara em vinho.
- ²⁹ Segundo a nota da Bíblia de Jerusalém sobre resposta de Jesus em Jo 2.4, a expressão utilizada é um “semitismo bem freqüente no AT e no NT. É empregado para rejeitar uma intervenção que se julga inoportuna ou então, para se demonstrar a alguém que não se deseja relacionamento algum com ele. Somente o contexto poderá indicar a nuance exata”.
- ³⁰ Creio que os antigos assim se referiram a Maria porque Jesus de fato nascera da “Santíssima Virgem”, não sendo objetivo deles inserir tal expressão como referência à suposta “virgindade perpétua” de Maria.
- ³¹ O e-book de onde foi tirada a citação pode ser pedido por e-mail em <http://www.palavradaverdade.com/livro.php>. Em um livro chamado “Santos Padres e Santos Podres”, o autor também transcreve esta história, porém ele diz que ela foi contada por Frei Leão e que ela se encontra nas Crônicas de São Francisco.
- ³² <http://www.montfort.org.br/index.php?secao=veritas&subsecao=cronicas&artigo=escadajaco&lang=bra>
- ³³ Interessante é notar que, segundo a tradição católica, a chamada “dormição de Maria” teria ocorrido em 42d.C. (vide artigo em http://pt.wikipedia.org/wiki/Maria%2C_m%C3%A3e_de_Jesus). Ora, como Paulo escreve ao Coríntios seguramente após esta data, a suposta ressurreição de Maria ou deveria ser mencionada, ou invalidaria aquilo que ele estava ensinando (isto é, que a ressurreição dos mortos só ocorreria na segunda vinda de Cristo). A própria ausência de menção à suposta morte/ressurreição de Maria no texto de Paulo atesta contra a tese da Assunção de Maria; isso invalida, por extensão, a tese da Imacula Conceição.
- ³⁴ Citação do Novo Catecismo da Igreja Católica, encontrada no endereço:
http://www.diocesejoinville.com.br/pt/formacao/artigo.php?artigo=FORMACAO_MTE2
- ³⁵ http://www.diocesejoinville.com.br/pt/formacao/artigo.php?artigo=FORMACAO_MTE2
- ³⁶ http://www.montfort.org.br/perguntas/assuncao_nossa_senhora.html
- ³⁷ Léxico Grego de Strong – verbete 3741
- ³⁸ De tão ardidoso, é provável que apologista católico de fato tenha conseguido enganar a muitos leitores.
- ³⁹ http://www.montfort.org.br/perguntas/assuncao_nossa_senhora.html
- ⁴⁰ Tradução encontrada na Bíblia de Jerusalém.
- ⁴¹ http://www.catequisar.com.br/txt/maria/texto/mr_09.htm
- ⁴² Ver o verbete “graça” em <http://www.ecclesia.pt/catolicopedia/>. Lá o conteúdo todo diz: “É o dom de ordem natural ou sobrenatural por Deus concedido, por sua pura liberalidade ou em resposta a súplica a Ele dirigida directamente ou pela intercessão de N.ª Senhora, de um santo ou mesmo de outras pessoas” (grifo adicionado). Note que o primeiro trecho em destaque não se aplica a Maria, pois ela não pediu e nem sabia que geraria o Messias até a aparição do anjo (Lc. 1.34). Tampouco a segunda parte em destaque se aplica a ela, por razões óbvias.
- ⁴³ Extraído de <http://www.veritatis.com.br/article/4618>.
- ⁴⁴ Termo utilizado na tradução de João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada, da Sociedade Bíblica do Brasil.
- ⁴⁵ Termo utilizado na tradução de João Ferreira de Almeida Revista e Corrigida, da Sociedade Bíblica do Brasil.
- ⁴⁶ Termo utilizado na Tradução Ecumênica (TEB), editada por Paulinas e Edições Loyola.
- ⁴⁷ Transliteração retirada do *Interlinear Greek New Testament*. Deriva de charitoo (verbo 5487 do Léxico Grego de Strong), mesmo verbo usado em kekaretome; a diferença se deve à variação do tempo verbal (ariosto).
- ⁴⁸ http://www.montfort.org.br/perguntas/assuncao_nossa_senhora.html
- ⁴⁹ <http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cartas&subsecao=apologetica&artigo=20040827093000&lang=bra>
- ⁵⁰ Conforme deixa explícito o profeta Isaías, Cristo foi o cordeiro que morreu para nos justificar (Is 53.10, 11).
- ⁵¹ Consideração apenas em termos lógicos, desprezando o aspecto teológico da primeira parte da sentença.
- ⁵² Consideração apenas em termos lógicos, desprezando o aspecto teológico da sentença
- ⁵³ Conforme apregoa o Dogma 27, o qual não abordaremos aqui devido à falta de espaço.
- ⁵⁴ <http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cartas&subsecao=papa&artigo=20040805190427&lang=bra>
- ⁵⁵ Para não perder o foco, descarto a análise do trecho que diz que “o batismo serve para pagar o *pecado original*”. Apenas informo que me é estranha tal colocação, pois segundo Mateus (Mt 3.11) e Paulo (At 19.4) o batismo de João era de arrependimento. Semelhantemente, para Pedro o batismo não remove a sujeira (pecado?) do corpo, antes aponta uma transformação da consciência diante de Deus (1Pd 3.21).
- ⁵⁶ Creio que há princípios teológicos profundos por trás do batismo de Jesus, porém me abstenho de avaliá-los aqui.
- ⁵⁷ <http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cartas&subsecao=doutrina&artigo=20040812214952&lang=bra>
- ⁵⁸ <http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cartas&subsecao=apologetica&artigo=20040827222428&lang=bra>

⁵⁹ <http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cartas&subsecao=apologetica&artigo=20060615151121&lang=bra>

⁶⁰ http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/apost_constitutions/documents/hf_p-xii_apc_19501101_munificentissimus-deus_po.html

⁶¹ http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/apost_constitutions/documents/hf_p-xii_apc_19501101_munificentissimus-deus_po.html

⁶² Só espero que o apologista católico pense bem na enxurrada de problemas que criará para si caso caia na bobeira de argumentar que José não era pai de Jesus.

⁶³ <http://www.montfort.org.br/index.php?secao=veritas&subsecao=igreja&artigo=bodas&lang=bra>

⁶⁴ O texto de Rm 8.37, por exemplo, fala que todos somos vencedores com Cristo. Logo, somos co-participantes da sua vitória. O que de fato não há é uma honra diferencial sendo atribuída exclusivamente a Maria nem aqui nem em qualquer outra passagem das Escrituras.

⁶⁵ No original está citado erroneamente como 1Co 15.14.

⁶⁶ <http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cartas&subsecao=doutrina&artigo=20040729214346>

⁶⁷ Citação: “a Escritura não somente designa com o nome de Irmãos aqueles que são filhos do mesmo pai ou da mesma mãe [...]; mas também aqueles que são parentes próximos, como tios e primos”

⁶⁸ Ao que parece, os irmãos de Jesus só passaram a crer nele por volta da época de sua morte e ressurreição, pois em At 1.14 eles já acompanhavam aos apóstolos e a Maria em oração.

⁶⁹ Em algumas versões mais antigas, tanto no grego como na Vulgata, a expressão “Judas, filho de Tiago” não existe. O mais correto seria apenas “Judas Tiago”, um nome composto semelhante a “Judas Iscariotes”. Como na lista dos apóstolos encontradas em Mt e Mc aparece o nome “Tadeu” ao invés de “Judas Tiago”, pode bem ser que “Tadeu” fosse uma espécie de apelido, pois significa “grande coração e/ou corajoso” (cf. *Léxico Grego de Strong*).

⁷⁰ Nas versões católicas, a Bíblia de Jerusalém diz “os seus”, ao passo que a TEB diz “sua parentela”.

⁷¹ A “autenticidade” do verdadeiro profeta confirma-se tanto pelas afirmações passadas quanto pelas previsões futuras. Jesus, por exemplo, profetizou a destruição do Templo (futuro) em Mt 24.1-2, e na mesma passagem (Mt 24.37-39) confirmou a ocorrência do dilúvio universal (passado), ambas afirmações verdadeiras. Parece óbvio que o verdadeiro profeta não pode sustentar uma afirmação falsa. De nossa parte, no transcorrer do texto tentaremos demonstrar tanto a não-autenticidade do dogma da ascensão de Maria como a não-revelação divina do mesmo.

⁷² http://pt.wikipedia.org/wiki/Credo_de_nic%C3%A9ia

⁷³ Norman Geisler, *Enciclopédia de Apologética*, 642.

⁷⁴ Loraine Boettner, *Catolicismo Romano*, 128.